

ANA MARA SOLETTI ROTTA

**“SE ESSA PRAÇA, SE ESSA PRAÇA FOSSE NOSSA”...:
ESPAÇOS PÚBLICOS E POSSIBILIDADES PARA O LAZER
DOS JOVENS DE CAÇADOR/SC**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação Física, Centro de Desportos, da Universidade Federal de Santa Catarina como Requisito Parcial para a Obtenção do Título de Mestre em Educação Física, Área de Concentração: Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física

Orientador Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires

**Florianópolis, SC
2009**

ANA MARA SOLETTI ROTTA

**“SE ESSA PRAÇA, SE ESSA PRAÇA FOSSE NOSSA”...:
ESPAÇOS PÚBLICOS E POSSIBILIDADES PARA O LAZER
DOS JOVENS DE CAÇADOR/SC.**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do Título de **Mestre em Educação Física (área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica)** e aprovada em sua forma final pelo **Programa de Pós-Graduação em Educação Física** da Universidade Federal de Santa Catarina.

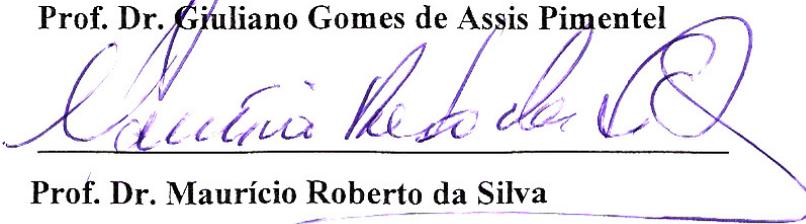
Florianópolis, 6 de novembro de 2009.

APRESENTADA À COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires – Orientador



Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel



Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva

DEDICATÓRIA

Dedicar este trabalho a uma pessoa seria injusto.

Tantas ajudaram e torceram para que eu conseguisse ...

*Mas na verdade, é para você, Lucca. Razão, orgulho e amor maior
da minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Tão importante quanto concluir este estudo é reconhecer o apoio de tantas pessoas e agradecer, agradecer, agradecer.

Ao meu filho Lucca, pela força do início ao fim. Pela compreensão por tanto abandono.

Ao meu outro amor, Gerson, que se tornou um parceiro incansável nas idas e vindas, nas correrias do estudo, como em tantas outras coisas.

A minha mãe Leonilda, por cuidar de tudo e todos na minha ausência, meus irmãos, especialmente a Simone, que por várias vezes dividiu seu tempo para me ajudar.

Ao meu orientador Giovani, por aproximar a distância com amizade, paciência, disponibilidade, conhecimento e profissionalismo.

Aos professores avaliadores Giuliano Gomes de Assis Pimentel e Maurício Roberto da Silva.

Aos amigos que incentivaram e assumiram meus compromissos.

À UnC Caçador pelo apoio financeiro concedido.

À Secretaria de Educação de Caçador pelo tempo disponibilizado.

Aos participantes da pesquisa: alunos da Escola Henrique Júlio Berger e Educação de Jovens e Adultos.

O-BRI-GA-DA !!!

RESUMO

ROTTA, Ana Mara Soletti. “Se essa praça, se essa praça fosse nossa”...: espaços públicos e possibilidades para o lazer dos jovens de Caçador/SC. 2009. 82f. Dissertação. (Mestre em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

Os jovens, o lazer e as políticas públicas têm sido estudados a partir de diferentes enfoques e objetivos. O resgate da produção científica em Educação Física apresentado neste estudo possibilita um interessante contato com essa diversidade, mostrando o crescimento das pesquisas e a visibilidade destas temáticas, bem como a carência de outros estudos, uma vez que a grande maioria não são conclusivos. O estudo partiu da seguinte indagação: *como o lazer, em suas diversas dimensões culturais, manifesta-se como prática social de jovens de diferentes contextos sócio-econômicos em espaços públicos da cidade de Caçador - SC?* Para tanto a metodologia adotada partiu de observações, questionários e grupo focal para que pudéssemos analisar os dados através de eixos temáticos. Dentre os aspectos evidenciados na pesquisa, destacam-se o modo de ser dos jovens da cidade e os usos que fazem do espaço. As duas praças têm público fiel, porém diferentes em seu modo de agir e pensar, motivo pelo qual uma delas foi descartada no decorrer do processo por não atender aos objetivos da pesquisa. Os jovens de uma maneira geral reconhecem o que está satisfatório em termos de infraestrutura e sabem apontar as falhas e desejos de mudança, também em outros aspectos ligados ao lazer, mas não são incluídos nos processos de elaboração de políticas públicas destinadas ao lazer na cidade. O poder público dá os primeiros passos em direção à necessária mudança. Hoje, muito do que é feito (ou será) corre o risco de não obter sucesso, assim como em tantas outras cidades do país.

Palavras-chave: Lazer. Juventude. Políticas Públicas. Educação Física.

ABSTRACT

ROTTA, Ana Mara Soletti. **If this park, if this park were ours"... public spaces and possibilities for the leisure of the young of Caçador /SC.** 2009. Dissertation. (Master in Physical Education) - Postgraduate in Physical Education - Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Young people, the leisure and the public politics have been studied from different approaches and goals. The surrender of the scientific production in Physical Education presented in this study makes possible an interesting contact with this diversity, showing the growth of the researches and the visibility of these themes, as well as the lack of others studies, once most of them are not conclusive. The study has started from the following question: *how the leisure, in its different cultural dimensions, demonstrates itself as social practice of young people from different social-economic contexts in public spaces in Caçador – SC?* For that, the methodology adopted started from observations, questionnaires e focal group in order to help us to analyze the data through the thematic axis. Among the aspects evidenced in the research, are highlighted the way of being of young people in the city and how they use the space. The two squares have faithful public, but different in their way of acting and thinking, reason why one of them was discarded on the passing of the process because it doesn't attend to the goals of the research. Young people, in a general way, recognize what's satisfactory in terms of infrastructure and know how to point the fails and wishes of changing, but these aren't included in the elaboration processes of public politics intended to the leisure in the city. Public authorities gave the first steps toward to the necessary changing. Nowadays, much of what is done (or will) takes the risk of not getting successful, such in many other cities of the country.

Key words: Leisure. Youth. Public Politics. Physical Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Placa na Rodovia Estadual SC Km 9	27
Ilustração 2- Praça Henrique Júlio Berger	32
Ilustração 3 - Praça Henrique Júlio Berger	33
Ilustração 4 Praça Ulipe Dalmas	35
Ilustração 5 - Ciclovía adjacente à Praça Ulipe Dalmas	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Classificação dos Lazers	37
Quadro 2 – Equipamentos de lazer.....	37
Quadro 3 - Tipologia dos Equipamentos de Lazer	38
Quadro 4: Tipologia dos Equipamentos de Lazer	39

LISTA DE SIGLAS

AFAN - Atividade Física na Natureza
CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ECA - Estatuto da Criança e Adolescente
EJA - Educação de Jovens e Adultos
FEM - Fundação Municipal de Esportes
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Caçador
ME - Ministério do Esporte
OGU - Orçamento Geral da União
OMS - Organização Mundial da Saúde
ONG's - Organizações Não Governamentais
ONU - Organizações das Nações Unidas
PELC - Programa Esporte e Lazer na Cidade
UNESCO - Organizações das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PRAZER EM CONHECER, CAÇADOR.....	27
2.1	ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICAS DA CIDADE DE CAÇADOR - SC.....	28
2.2	AS PRAÇAS HENRIQUE JÚLIO BERGER E ULIPE DALMAS (BEIRA-RIO).....	31
2.2.1	Tipologia dos espaços/equipamentos.....	36
3	REFLEXÕES SOBRE OS ESPAÇOS, EQUIPAMENTOS E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O LAZER NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	44
4	OS JOVENS E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE O LAZER EM CAÇADOR.....	57
4.1	EIXOS TEMÁTICOS DE DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DO CAMPO (GRUPOS FOCAIS).....	59
4.1.1	Aspectos positivos em relação aos espaços/equipamentos de lazer na cidade.....	59
4.1.2	Lacunas e limitações nos espaços/equipamentos e ações públicas para o lazer.....	60
4.1.3	Sobre a forma de (não) participação dos jovens nas políticas públicas de lazer.....	64
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
	REFERÊNCIAS.....	73
	ANEXO A – CONVOCAÇÃO PARTICIPAÇÃO.....	79
	ANEXO B - NOTÍCIA DESAPARECIMENTO DE MENINA NA BEIRA RIO.....	80
	ANEXO C – NOTÍCIA MENINA FOI ENCONTRADA.....	81
	ANEXO D – AVALIAÇÃO CRIAÇÃO DO IPPUC.....	82

1 INTRODUÇÃO

Tem crescido a atenção dirigida aos jovens nos últimos anos no Brasil, tanto por parte da “opinião pública”, de atores políticos, quanto de instituições governamentais e não governamentais, bem como os meios de comunicação de massa, da televisão à grande imprensa escrita, onde assistimos a uma avalanche de produtos no mercado destinados ao público jovem, onde os temas normalmente são cultura e comportamento: música, moda, estilo de vida, esporte e lazer.

Essa não é a única face da questão, pois em contrapartida, quando os jovens são assunto do caderno de adultos, no noticiário, em matérias analíticas, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos “problemas sociais”, como violência, drogas, crime, ou às medidas para diminuir tais problemas. Seja o jovem tido como problema ou como potencial de mercado, o lazer é sempre colocado como alternativa de solução.

Desde a caracterização etário-temporal ou geracional já existem dados diferenciados em relação ao conceito de juventude. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a juventude está dividida em duas fases: a primeira de 10 a 15 anos e a segunda de 16 a 20 anos. O Fundo de Populações das Nações Unidas distingue a juventude de 15 a 24 anos e a população jovem de 10 a 24 anos (HACK, 2005).

Outra abordagem, com a qual esta pesquisa buscou se associar decorre das correntes teóricas da sociologia da juventude, de acordo com Pais (2003), que não consideram apenas a abordagem geracional, que toma como ponto de partida a noção de juventude, entendida no sentido de “fase da vida” (a linha dessa corrente olha a juventude como uma entidade homogênea, que ao estudar a juventude “marginal”, toma toda a juventude como tal), mas também e principalmente a corrente classista, onde a reprodução social é fundamentalmente vista em termos de reprodução de gênero, de raça, enfim, de classes sociais. Por esta razão os trabalhos desenvolvidos na linha desta corrente são, em geral, críticos em relação ao conceito de juventude. Para esta corrente, a transição dos jovens para a vida adulta encontrar-se-ia sempre pautada por desigualdades sociais, seja na divisão sexual do trabalho, seja no âmbito da condição social, onde, por exemplo, filhos de operários tenderiam a se tornar operários.

Para ambas as correntes, o conceito de cultura juvenil aparece associado ao conceito de cultura dominante. “Entende-se por cultura

juvenil o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (PAIS, 2003, p.69).

Abramo, ao analisar conclusões da pesquisa Retratos da Juventude Brasileira (ABRAMO; BRANCO, 2005) sobre lazer e tempo livre dos jovens, corrobora com esta opinião quando afirma que é freqüente o erro de se compreender a juventude como realidade homogênea em relação ao tempo livre, talvez pela percepção de que o tempo da juventude em geral, e o tempo das culturas juvenis, em particular seriam em “essência” momentos de fruição de divertimentos, prazeres e distância do mundo do trabalho, característica principal do mundo adulto. Salienta ainda que é nos tempos livres e nos lazeres que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbologias que os diferenciam do mundo adulto.

Quando se tem o intuito de pesquisar os jovens, é preciso olhar a sociedade através do seu cotidiano e ver de que forma a sociedade se traduz na vida dos indivíduos. Isso implica em considerá-los com experiências próprias, influenciadas por circunstâncias históricas e sociais específicas.

Os jovens têm sido estudados a partir de dados apontados por pesquisas como Juventudes Brasileiras (UNESCO, 2004) ou Retratos da Juventude Brasileira, acima referida. Em julho de 2008 o Jornal Folha de São Paulo divulgou a pesquisa “Jovem século 21”, na qual são considerados alguns dados provenientes das 120 perguntas feitas para 1.541 jovens em 168 cidades do país.

De forma sumária, as características principais do jovem de hoje são apresentadas na pesquisa através dos seguintes indicadores:

- a) 23% são estudantes;
- b) 40% sonham em ter um “lugar ao sol” (ter um emprego decente);
- c) 18% mulheres dos homens e 33% das tem muito medo de sair de casa por causa da violência;
- d) 17% e 22% acham que o maior problema do Brasil e do mundo, respectivamente, é a violência;
- e) mais da metade dos jovens brasileiros já repetiu de ano e o índice de reprovação é alto também nas classes A e B;
- f) 21% deles têm filhos nascidos aos seus 19,3 anos, em média, e 85% não se arrepende disso;
- g) o grau de importância atribuído a valores universais são, em primeiro lugar, a família (99%), seguido de saúde, trabalho, estudo e lazer (88%);

h) os jovens estão menos contentes com sua aparência e seu peso em relação há 11 anos; 60% admitem ser consumistas sendo que a moda é importante para 70% deles;

i) em relação ao sonho de consumo, 36% deseja casa própria para si ou para a família;

j) perguntados para onde vão, 72% vai a shows, 63% shoppings, seguidos de bares, bibliotecas, cinemas entre outros; 74% acessam a internet e consideram inteligentes Sílvio Santos (7%), Jô Soares (7%), Bill Gates e Lula (4%);

l) cerca de 22% dos homens e 11% das mulheres já usaram drogas, sendo que 43% dos pais sabem. Um quarto dos jovens tem como gênero musical preferido o forró.

Para tanto é necessário considerar o lazer como tempo sociológico no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e que se constitui, na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais, indo na contramão da tendência moralizante. (ABRAMO, 2005).

A visibilidade da temática lazer também cresceu muito no Brasil nos últimos anos. Werneck (2004) atribui alguns motivos a este fato: um deles é a compreensão de que o âmbito da cultura é um foco central de interesse, tanto no que se refere à manutenção quanto à busca de uma nova ordem social, já que se entende que o avanço tecnológico acabou por fortalecer o poder e alcance da cultura de massas e a difusão de compreensão de cultura inserida na lógica da sociedade de consumo. Outro motivo é o aumento das iniciativas governamentais relacionadas à temática, embora ainda sejam muitos os problemas; e também ao desenvolvimento de uma forte e crescente “indústria do lazer e entretenimento”, apontada como promissora fonte de negócios; por fim, os questionamentos acerca da assepsia da sociedade moderna, construída a partir da centralidade e valorização extrema do trabalho enquanto dimensão fundamental dos seres humanos.

Não menos relevante é o tema política/espços públicos de lazer, especialmente quando se trata do espaço urbano, isto é, as políticas públicas de lazer nas cidades. Ao falar em “cidade”, Rechia (2003) faz um questionamento interessante: como pensar os parques urbanos sem antes discutir sobre o que é uma cidade? E responde com outros questionamentos:

Trata-se de um aglomerado de casas, prédios e empresas? Trata-se de extensas avenidas que recortam bairros e histórias e são previstas para circulação de um número cada vez maior de carros? Trata-se da combinação de poluição sonora e visual, num misto de vozes, buzinas, motores de automóveis, luminosos, propagandas? (RECHIA, 2003 p.36).

A resposta poderia ser: sim, a cidade é tudo isso. No entanto, lembra a autora que precisam ser percebidos os significados da cidade para quem nela vive e usufrui seus espaços. Rechia conceitua a cidade como sendo uma organização viva, dinâmica, com uma interação permanente entre suas partes

motivo pelo qual o estudo sobre as cidades tem sofrido grandes transformações, especialmente nas últimas décadas, não apenas em relação às perspectivas do que é uma cidade, seu papel, sua função, mas também com o surgimento de novos conceitos da dinâmica urbana (RECHIA, 2003 p.36).

Assim, como a cidade é uma paisagem artificial criada pelo homem, um mundo de ruas, edifícios, objetos e imagens, a paisagem urbana modifica-se brutalmente e obriga os seus habitantes redimensionarem seu tempo total, suas 24 horas diárias. Esse tempo é composto do tempo para o trabalho, tempo liberado do trabalho e tempo livre, segundo Santini, (2003). O uso que as pessoas fazem desses tempos é que define o modo de vida e relacionamento entre os habitantes das urbes. É no tempo social que o ser humano tem a possibilidade de decodificar os espaços da cidade (SANTINI, 1993, apud BRUHNS, 1997, p.14). É muito importante acrescentar os espaços de lazer neste contexto, a fim de dar novas cores ao cotidiano dos indivíduos.

As cidades têm seus percursos, que se referem aos deslocamentos para o trabalho e de volta para casa; devido ao crescimento urbano normalmente são feitos de forma motorizada e muito em função do tempo programado para atravessar certas distâncias, não nos permitindo observar detalhes que nos mostrariam belezas naturais modificadas pelo homem. O processo desordenado de construção das cidades brasileiras não garantiu o espaço para uma ocupação planejada do solo urbano.

Decorrente deste fato é a contribuição do mesmo para o enclausuramento das pessoas, que acabam gastando seu tempo disponível em casa. Bruhns (1997, p.108) afirma que o espaço da moradia a dimensão mais importante dentre todas, varia em tamanho, quantidade de cômodos, lugares abertos e fechados. A residência do homem é o “castelo do rei”. Lugar sagrado que deve ser respeitado por todos. Guarda segredos de nosso universo e pode tornar-se reduto das mais incríveis sensações. A casa torna-se um espaço não específico, bem como a rua, o bar, a escola (STRECHIA, 1980, *in* BRUNHS, 1997).

A violência e a sensação de insegurança em ambientes públicos também contribuem para a individualização do lazer. Assim o lazer entretenimento, fruído no espaço da casa, faz com que as pessoas deixem de lado o lazer como convivência social. (MARCELLINO, 2007).

Outro espaço a ser considerado é o espaço da escola, que tenta determinar comportamentos que se traduzem em capacitar os indivíduos a atenderem um mercado de mão-de-obra a ser utilizada pelo sistema. A quebra desses padrões por parte dos alunos pode significar uma aventura em busca de outras sensações formadoras de consciências críticas e criativas.

Falar no espaço do trabalho é estar de frente com o poder total. A relação sujeito/trabalho vem sofrendo modificações importantes em relação ao tempo e espaço. As máquinas estão realizando com menos tempo e desgaste de energia o trabalho do homem, bem como a tecnologia permite uma reorganização desses dois elementos. Isso produz alterações na relação tempo livre/tempo ocupado. Lefebvre (apud MARCELLINO, 2007) aponta como “tempo imposto”, um tempo ocupado pelas exigências diversas fora do trabalho, que nos obrigam a passar um bom período de tempo nelas, como por exemplo, as filas de banco, salas de espera em consultórios ou congestionamentos de trânsito.

Considerando diferentes pontos de vista a respeito do tema, torna-se necessário conceituar as políticas públicas, os jovens e o lazer para que se possa analisar estes fenômenos e estabelecer relações com os dados da pesquisa. Para Camargo (1985 apud BRUNHS, 1997), Melo e Tavares (2006), conceitos são construtos teóricos e não surgem por acaso. Refletem avanços e recuos do momento da cultura vivido por uma sociedade. Expressam aspirações e, também, temores.

Sobre política, Bruhns (1997 p.129) a conceitua como sendo “regras estabelecidas para governar funções e assegurar que elas sejam desempenhadas de acordo com os objetivos desejados”, ou seja, servem

como guias para determinada ação. Na área do lazer, cita Camargo (1985, p.3-7 apud BRUNHS, 1997) que a define como um “conjunto de valores e metas de uma sociedade com relação ao seu próprio bem-estar dentro do chamado livre.” Ainda a mesma autora atenta para o fato de que foi Strechia, em 1980, quem produziu o texto mais denso sobre o assunto, elaborando uma proposta sustentada em um tripé formado pela ampliação do tempo disponível, criação de espaços adequados e, diretrizes para a animação sociocultural para atuar nesta área de serviços.

Continuando, é difícil conceituar o lazer. Um dos conceitos mais aceitos (não sem algumas críticas!) é o de Dumazedier (apud TAVARES, 2006, p. 40):

Lazer é um conjunto de atividades às quais o indivíduo se entrega de bom grado, depois de cumpridas suas obrigações profissionais, familiares, pessoais e sociais, seja para descansar, seja para se divertir, seja para se desenvolver.

Será possível entregar-se “de bom grado às atividades ou será de acordo com as possibilidades das pessoas? Descansar do trabalho pressupõe que o trabalho cansa e ainda há o fato de que o lazer seja para se desenvolver, acrescenta-se então, que o desenvolvimento humano e educação sejam para o lazer e pelo lazer.

Ou ainda,

Lazer é cultura - compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível, combinando os aspectos de tempo e atitude, sendo fundamental, como traço definidor, o caráter desinteressado dessa vivência. (MARCELLINO, 2007, p. 11).

Vale lembrar que a atitude pode ser positiva, mas o tempo, não! Mas o lazer pode ser ainda, entendido pelo cidadão comum como “tudo que não é trabalho”; sendo essa falta de utilidade, interrupção de atividade... o “dolce far niente”. Continuamos então, em um “beco sem saída”, considerando o pensamento ocidental, diferente do oriental, que não entende o não fazer nada, iniciando um novo percurso do

pensamento. Desta vez percebe-se que há algo mais no lazer... um agregado lúdico, enfim, algo que diverte, mesmo que seja apenas por não ser obrigado a fazer alguma coisa... agora a noção de lazer passa a referir-se a tudo o que tem agregado lúdico. Assim, até mesmo o trabalho poderia ser uma forma de lazer?

No terreno da ação social, também não existe consenso, exceto na constatação de que o lazer “deve servir para alguma coisa” (MELO; TAVARES, 2006 p. 34). Essa idéia colabora com a noção de que o estudo do lazer, do divertimento das pessoas, somente tivesse razão de ser se associado a alguma forma de utilidade social. E também não podemos esquecer daqueles para quem o lazer é irrelevante e nem merece constituir categoria de estudo, seja porque supervalorizam a importância da disciplina ou temem a informalidade de certas práticas culturais; estes céticos não vêem possibilidade de se “construir” nada a partir do lazer. Há ainda, os temerosos, que associam o lazer a barbárie, a decadência pessoal e social, que explicam a queda do Império Romano exclusivamente porque desapareceu a preocupação com o trabalho, para pensar apenas em divertimento, em lazer.

Na Constituição de 1988 o lazer consta do Título II, Capítulo II, artigo 6º, como um dos direitos sociais: o termo aparece em outras ocasiões, mas só é tratado, quanto á formulação de ações, no Título VIII, Capítulo III, Seção III, Do Desporto, no artigo 217, no 3º e último parágrafo do item IV- “O Poder Público incentivará o lazer como forma de promoção social”.

O enfoque da questão do lazer está quase sempre restrito a um dos seus conteúdos culturais, como o esporte, o turismo e as artes, não contemplando as discussões nas diferentes esferas do lazer. Até por que o termo “lazer” foi incorporado ao vocabulário comum recentemente e marcado por diferenças quanto ao significado, historicamente falando. A tendência restritiva a que nos referimos pode ser constatada na linguagem popular pela simples observação assistemática e é alimentada pelos meios de comunicação de massas, na veiculação de programação ligadas ao esporte e à arte e só mais recentemente distinguindo o lazer, normalmente associado a manifestações de massa ao ar livre e de conteúdo recreativo. Esse caráter parcial e limitado acaba por dificultar o estabelecimento de ações específicas e quando se procura detectar os valores associados ao lazer.

Os problemas não são somente estes. É equivocado o entendimento de Políticas Públicas principalmente com relação a políticas setoriais, no caso, as de lazer. Na opinião de Marcellino, (2007 p. 10) o uso do espaço urbano e a construção e animação dos

equipamentos de lazer constituem eixo fundamental de uma política de lazer, no campo dos interesses físico-esportivos, assim como de qualquer dos seus conteúdos culturais. Portanto a democratização do lazer exige políticas públicas que não acabem por constituir-se em eventos isolados, mas que possa contemplar a redução da jornada de trabalho, a reordenação do tempo; reordenação do solo urbano, incluindo aí os espaços e equipamentos de lazer e finalmente, numa política de formação e desenvolvimento pessoal, para que o corpo técnico trabalhe de forma eficiente. O autor parte do pressuposto de que o processo de urbanização e a especulação imobiliária deslocaram os equipamentos de lazer do centro das grandes cidades para as regiões metropolitanas, as cidades periféricas, dificultando o acesso da população, principalmente quanto à prática esportiva e dos conteúdos físico-esportivos no lazer, no cotidiano. Deste modo os espaços e equipamentos de lazer podem ficar ociosos.

De acordo com o autor, torna-se imprescindível entender todo o processo de planejamento, construção, administração e animação dos equipamentos para que se possa implantar uma política de democratização cultural. A relação que se estabelece entre o público usuário, os profissionais e os equipamentos públicos de esporte e lazer torna-se muito importante verificando o comportamento de usuários e expectadores, o uso dos equipamentos específicos e não-específicos, a necessidade de adaptações e expectativas de atuação profissional.

A questão das políticas públicas traz consigo a discussão sobre o papel a ser desempenhado pelo Estado em relação ao lazer e à cultura. Há os que defendem a interferência do Estado, onde as Leis de Incentivo quase sempre ficam restritas a grupos mais organizados, não permitindo gente com novas idéias. De outro lado estão os que defendem a participação mediadora do Estado, colocando uma hierarquização de necessidades (saúde, educação e trabalho, entendidos como fundamentais a nossa “sobrevivência” e de certa forma referendados pelo poder público sempre mais preocupado com superávites e balanços positivos) ou procurando atender às demandas verbalizadas das classes populares. E há ainda, os que entendem que as Políticas de Lazer devam atender somente às demandas de uma parcela da população que esteja alijada do consumo de “bens culturais”.

Segundo Rodrigues (2003, p. 49)

“o estado destaca-se por sua forma organizada de exercer o poder com a finalidade de prestar

serviços públicos de interesse comunitário que, em tese são delegados pelo conjunto da sociedade civil. Em princípio é ela que define quais os serviços públicos que devem ser oferecidos”.

O estado deveria, assim, garantir o lazer enquanto direito social, no contexto de suas políticas sociais, na busca de progressos e compreensão de possíveis retrocessos. A política social, de acordo com estudiosos não pode ser equivocada principalmente em virtude de uma visão paternalista e assistencialista por parte dos órgãos públicos, comunidades de base e universidades. Não deve, portanto, limitar-se ao atendimento aos “carentes”. Fazer política social consiste no permanente exercício de escolha de maneira coerente e justa em busca de melhoria par a sociedade.

No domínio do lazer a mesma autora destaca as considerações de Bramante (1997) sobre a importância da avaliação no processo de planejamento e implementação de políticas e programas públicos ou privados: “se faz muito, planeja-se pouco e avalia-se quase nada”. Esse descompasso colabora negativamente na qualidade da experiência de lazer das pessoas em função da otimização dos recursos existentes.

Isso tudo contribui para dificultar o entendimento do lazer com o objeto de estudo, como campo de atuação profissional e como esfera de atuação do poder público.

Marcellino (2007), na pretensão de que o lazer não se constitua apenas como recuperação da força de trabalho, como válvula de “escape”, que ajude a manter o quadro social injusto, afirma que o âmbito municipal é apenas um dos que deve ser considerado, na esfera da Administração Pública, ou seja, é preciso que seja levado em conta, mas que a sua atuação seja diferenciada das demais iniciativas, desde as espontâneas até as da chamada “indústria cultural”. Administração Pública é entendida aqui por Bobbio, (1986) essencialmente como uma função ou como uma atividade-fim, condicionada a um objetivo e como organização, como uma atividade voltada para assegurar a distribuição de coordenação do trabalho dentro do escopo coletivo.

Pesquisas de opinião revelam de forma indireta a importância que o lazer têm na vida das pessoas. Essa “ressonância social” do lazer é diferente dos “temas sérios”; soma-se a isto os preconceitos no setor público e nos meios acadêmicos quando o lazer envolve liberação de recursos.

Embora não exclusivamente, é no tempo do lazer que são vivenciadas situações geradoras de valores “revolucionários”; são reivindicadas formas de relacionamentos sociais mais espontâneas, convivência com a natureza ao invés do domínio sobre a mesma por gente comum, que trabalha, luta para trabalhar, mas que também faz questão de preservar a alegria, quase sempre impossível no ambiente de trabalho, pela rotina, pela exploração. É uma questão de cidadania, de participação cultural (atividade não conformista, mas criativa e crítica). Dessa perspectiva, a cidade deve ser administrada para todos. E o ser humano que dá vida às cidades, além de ser animal, com “necessidades primárias, é um ser cultural, com “necessidades simbólicas”, que também precisam ser satisfeitas.

Complementa Marcellino (2007), com Santos (1982): “[...] os homens vivem cada vez mais amontoados lado a lado em aglomerações monstruosas, mas estão isolados uns dos outros [...]”, gerando com isso certa passividade em relação às decisões que atingem diretamente nossas vidas. Nas grandes cidades o cidadão está sendo substituído pelo consumidor.

Ao ser submetida à lógica do lucro, a cidade é rebaixada de obra (valor de uso e fruição) a produto para consumo (instrumento do valor de troca) e o espaço/tempo passam a se considerados como itens de produção - mercadorias. Os espaços públicos passam a ser convertidos em espaços privatizados (MARCELLINO, 2007 p.18).

Pensar em espaços públicos de lazer preservados e garantidos à população requer refletir sobre políticas públicas de lazer.

É oportuno partir de um diagnóstico de necessidades ao elaborar a política de lazer, através de tópicos que incluem justificativas, pressupostos, princípios, prioridades, metas, objetivos, diretrizes, recursos, estratégias, mecanismos de avaliação, cronograma, entre outros, para que “política de lazer” não seja confundida com uma simples listagem de eventos que costumam compor o “calendário anual” de um determinado órgão responsável por essa área de serviço. (BRUHNS, 1997). A produção de uma Política de lazer na cidade voltada para a juventude deve considerar a especificidade do jovem em relação aos seus interesses e suas necessidades.

Ao cruzarem-se as reflexões sobre lazer, políticas públicas, juventude e espaços urbanos, retomam-se obrigatoriamente o tema da organização das cidades.

O desenvolvimento da maior parte das cidades brasileiras, inclusive a cidade de Caçador/SC, pode ser contada pela história, apontando que quando o desenvolvimento industrial começou a atingir as cidades, não havia distinção entre áreas habitacionais, áreas de lazer e áreas industriais, isto é, na medida em que as pessoas chegavam em busca de trabalho nas indústrias, instalavam-se no perímetro adjacente ou próximo a elas; o centro da cidade fica reservado às atividades comerciais e escritórios e a rua torna-se funcionalmente um local de trânsito. Bacal (1988) exemplifica com a cidade de São Paulo em torno das décadas de 40 e 50, onde a rua se constituía numa continuação de casas, o contato com os vizinhos era feito na calçada, em frente às portas, além de reuniões enquanto as crianças brincavam de forma espontânea, em virtude da proximidade das moradias.

Pelas necessidades e desejos das pessoas, observava-se, na década de 80, apartamentos planejados e construídos com área de lazer, ou as pessoas de maior poder aquisitivo construía residências com grandes jardins, em bairros periféricos, adotando *slogans* do tipo “tenha férias e respire ar puro todos os dias em sua própria casa”. Cabe aqui a consideração de Pellegrin (1999) a respeito dos condomínios fechados; pois os mais abastados financeiramente lançam mão deste recurso justificando sua proteção e por vezes têm a intenção de criar uma comunidade entre os moradores que se reconhecem semelhantes por possuírem uma mesma condição sócio-econômica; complementa com a constatação da pesquisa de Maria Cecília Forjaz, em 1988, de que o lazer para esta classe social é importante quando é produzido no espaço doméstico em festas, jantares, bailes, visitas, etc.

Progressivamente vão se formando áreas industriais distintas das destinadas às residências. Bacal (1988) atenta para a tendência de um planejamento urbanístico que preveja áreas verdes naturais, em zonas periféricas. Espaço este que se organiza em função das classes mais ou menos privilegiadas. A ocupação do tempo livre assumiu significado econômico: é necessário pagar para “ver” as cores da natureza e “sentir” a água do mar e das piscinas, através do turismo e clubes de campo. Conclui a autora ainda que, em face da crescente demanda de lazer, a oferta de serviços cresce vertiginosamente a ponto de impor-se como um dos setores econômicos mais importantes em alguns países.

Contudo, a utilização crescente da palavra “lazer” por vários setores da população não se restringe a construções ou espaços.

Marcellino, (2007) afirmava que pelo contrário, constitui apenas um exemplo da imensa possibilidade em que é empregada: faz parte de conversas informais, ocupa títulos de revistas e seções de jornais, dá nome a clubes e lojas de artigos especializados. Enfim, está presente na vida das pessoas em geral. A incorporação da palavra lazer se deu a partir de situações vivenciadas ou desejadas, e sua utilização nada mais é que a objetivação dessas experiências.

Ainda assim, infelizmente, existem autores que ao pesquisar o tema, enfrentaram desaprovação e incompreensão da grande maioria dos pesquisadores, como foi o caso de César (1981 apud UVINHA, 2001) ao pesquisar sobre torcidas de futebol. “Parece que estudar o lazer é sinônimo de irresponsabilidade e de superficialidade”, argumenta o autor. Em contrapartida, Magnani (2002), registrou em sua pesquisa que a possibilidade de entrada no grupo pesquisado e a fertilidade dos dados colhidos deu-se fundamentalmente pela esfera do lazer, de modo que “as formas de entretenimento e cultura popular podem constituir realidade privilegiada depara compreensões diversas”. Tal constatação também foi sentida por Silva (1992) em sua pesquisa sobre *reggae*, em São Luís do Maranhão, afirmando que foi nas atividades de lazer que pode fazer constatações mais concretas a respeito da maciça população negra que, através do lazer, demonstrava ativamente sua participação na vida sócio-cultural de São Luís.

Assim, torna-se um desafio fazer uma abordagem aos jovens considerando a intenção de Abramo (1997), que é de incorporá-los como capazes de formar questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução de problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los.

Desta maneira, considerando as relações entre espaços, juventude e lazer, o problema do estudo, então, se apresenta: *como o lazer, em suas diversas dimensões culturais, manifesta-se como prática social de jovens de diferentes contextos sócio-econômicos em espaços públicos da cidade de Caçador - SC?*

Objetiva-se por meio da pesquisa compreender como jovens da cidade de Caçador - SC apropriam-se e (re)significam espaços e equipamentos públicos de lazer em suas práticas de tempo livre. Além disso, existem alguns caminhos mais específicos a serem percorridos através da pesquisa:

a) Analisar as estratégias metodológicas dos gestores públicos, em termos de planejamento dos espaços/equipamentos para o

lazer, visando apontar elementos que possam subsidiar as políticas públicas municipais destinadas ao lazer da juventude;

b) caracterizar os locais identificados e de seu contexto, com ênfase nos aspectos físicos (espaços, equipamentos), funcionais e administrativos;

c) compreender os hábitos dos jovens de Caçador, formas de organização e práticas de lazer nesses espaços;

d) entender possibilidades e possíveis limites para uma ocupação social mais efetiva dos espaços/equipamentos públicos pelos jovens;

Diante da complexidade das temáticas centrais desta pesquisa, quais sejam, o lazer, os espaços e políticas públicas e a juventude, vale dizer agora das motivações que levaram à realização desta pesquisa.

A intenção de pesquisar os jovens e o lazer vem de um olhar curioso de professora sobre “jeitos” e atitudes ao rever alunos do Ensino Fundamental de escolas Públicas e Particulares; da constatação de colegas professores a respeito do conteúdo das aulas de Educação Física para esses jovens e o quanto é difícil motivá-los, resumindo o conteúdo tão somente ao esporte ou a “aulas livres”. Ainda, como cidadã e moradora da cidade de Caçador-SC, percebo a ocupação de espaços ou a falta deles para jovens em seu suposto momento de lazer. O que eles gostam ou gostariam de fazer em seu lazer? Será possível não ouvir mais: “não tem nada para fazer...”!!! A cidade está organizada estruturalmente para que o lazer possa ser usufruído pela população e em especial pelos jovens?

Essa pesquisa justifica-se também pelo desejo em contribuir com informações concretas para que os gestores públicos possam intervir positivamente na ocupação dos espaços existentes na cidade de Caçador/SC, para que a população em geral e especialmente os jovens que possuem uma condição sócio-econômica inferior possam ter acesso a eles. Também pelo fato de que não existem dados que apontem para a real necessidade de equipamentos ou programas permanentes e orientados para o lazer dos jovens.

O estudo realizado poderá ainda ser importante na medida em que tenta aproximar os conteúdos da Educação Física Escolar às atividades elencadas pelos jovens como sendo boas e agradáveis. Além disso, os dados e as discussões pertinentes poderão ser utilizados na formação de professores e em projetos.

Em termos metodológicos, trata-se de um estudo observacional-descritivo, que envolveu diferentes estratégias e recursos para a coleta de dados: foi feita observação direta, com anotações em um diário de

campo da pesquisa e por registros em fotografia, em locais definidos por comportarem relativa frequência de jovens, em diferentes locais da cidade, no período que os jovens frequentam a escola e em período de férias escolares em dias e horários diferenciados; numa segunda etapa, foram aplicados questionários com o objetivo de reunir elementos que pudessem caracterizar os jovens em questão e entrar no campo de pesquisa.

Visando aprofundar as interpretações específicas sobre temas que surgiram dos momentos anteriores, foram promovidas discussões mais detalhadas na forma de grupos focais, com jovens estudantes do EJA (Educação de Jovens e Adultos), recorte esse que descartou a condição da escolaridade e preservou somente o fato de que são jovens que concordaram em participar da pesquisa.

Minayo (1994) define grupos focais (ou grupos de discussão) como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada das entrevistas grupais que coleta informações por meio das interpretações grupais ao se discutir um tópico específico sugerido por um “animador”, neste caso, a pesquisadora. Ocupa uma posição intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade. O foco de análise são as opiniões surgidas a partir do jogo de influências mútuas que emergem e se desenvolvem no contexto dos grupos humanos.

O procedimento utilizado para análise das falas/escrituras dos jovens foi a *análise de conteúdo*, uma técnica de pesquisa oferecida pelas ciências humanas, preconizada por Bardin (1994). Caracteriza-se como uma atitude de vigilância crítica, na qual se nega uma leitura simples do real, procurando fazer uma compreensão dos fatos (ou das mensagens comunicativas) para além dos seus significados imediatos. Uma das peculiaridades essenciais desta técnica é que ela permite que se estudem os conteúdos manifestos nas comunicações entre as pessoas.

Para Minayo (2006, p.303) a “análise de conteúdo diz respeito a técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos”. Em comum, as definições ressaltam o processo de *inferência*.

Esclarece ainda que existem várias modalidades de *Análise de Conteúdo* e dentre elas a *Análise Temática*, opção adotada para a discussão dos dados, por ser a mais simples e considerada apropriada para as investigações qualitativas [em saúde]: “Fazer uma análise temática consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem uma comunicação, cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado.” (MINAYO, 2006, p.316).

A análise temática desdobra-se em três etapas:

a) *Pré-análise:* nesta fase, escolhem-se os documentos a serem analisados e retoma-se as hipóteses e objetivos iniciais da pesquisa. Pode ser decomposta em tarefas. A leitura flutuante requer que o pesquisador tome contato direto e intenso com o material de campo, impregnando-se de seu conteúdo. A Constituição do Corpus é um termo que diz respeito à totalidade do universo estudado, devendo obedecer a normas de validade qualitativa (exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência). A formulação e reformulação de Hipóteses e Objetivos é um processo que consiste na retomada da etapa exploratória, para que a riqueza do material de campo não seja obscurecida pelo tecnicismo. Nesta fase pré-analítica determinam-se ainda a *unidade de registro* (palavra-chave ou frase), a *unidade de contexto*, os *recortes*, a forma de *categorização*, a modalidade de *codificação* e os conceitos teóricos mais gerais que orientarão a análise;

b) *Exploração do Material:* o pesquisador busca encontrar *categorias* (expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado) ou *eixos temáticos* que permitam organizar e dar sentido aos dados da pesquisa. Por fim, realiza a classificação e agregação dos dados, escolhendo as categorias teóricas ou empíricas, responsáveis pela especificação dos temas;

c) *Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação:* os resultados são submetidos ao processo de classificação das unidades de contexto identificadas nas categorias ou nos eixos temáticos, o que permite colocar em relevo as informações obtidas. A partir daí, o analista propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico inicial ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugeridas pela leitura do material.

Nesta pesquisa, optou-se pela organização dos dados e a análise dos seus conteúdos em eixos temáticos, estratégia metodológica que deixa mais livres e fluídas as interpretações, que estariam mais contidas e limitadas se adotado o processo de categorização típico da análise de conteúdo.

Por fim, convém lembrar que houve um plano para obtenção do consentimento livre e esclarecido (apreciado pelo Comitê de Ética da UnC – Caçador - SC) sob o número do processo 503/11/08, obtido através dos pais ou responsáveis, (no caso de menores de 18 anos), o qual previa autonomia e anonimato aos sujeitos participantes (poderiam desistir a qualquer momento da pesquisa) e que os resultados da pesquisa seriam divulgados nos meios científicos tão logo fosse concluída.

O corpo do trabalho está dividido em quatro capítulos relacionados entre si, que mostram o caminho percorrido durante a pesquisa. No primeiro capítulo, procuramos caracterizar a cidade de Caçador/SC sob os aspectos geográficos, históricos e de planejamento urbano, bem como ressaltar os dois locais escolhidos para a realização da pesquisa.

Em seguida, no segundo capítulo direcionamos para o resgate da produção do conhecimento em Educação Física refletindo sobre os espaços/equipamentos urbanos e políticas públicas para o lazer dos jovens especialmente, através de trabalhos produzidos em monografias, artigos, dissertações e teses (especialmente os disponíveis *on line*) e livros que demonstram a relevância do assunto, o esforço dos autores no sentido de compreender, refletir e colaborar com a sociedade e com as práticas pedagógicas da Educação Física.

O terceiro capítulo dialoga com as percepções dos jovens participantes do estudo sobre os espaços e equipamentos urbanos para o lazer e como vêm as estratégias dos gestores públicos para o lazer da juventude em nossa cidade.

O quarto capítulo apresenta as conclusões do trabalho trazendo orientações para que as políticas públicas possam direcionar ações que contribuam efetivamente na melhoria das condições de lazer na cidade.

2 PRAZER EM CONHECER, CAÇADOR

Quem chega a Caçador por qualquer um dos quatro acessos depara-se com a placa abaixo:



Ilustração 1 – Placa na Rodovia Estadual SC Km 9

Destacamos na placa o termo “lugar”. Para Milton Santos (1997), "o conceito de lugar induz a uma análise na dimensão da existência, pois se refere a um tratamento do mundo vivido". Para o autor, o lugar expressa relações de ordem objetiva em articulação com relações subjetivas, relações verticais resultado do poder hegemônico, imbricadas com relações horizontais de coexistência e resistência. Daí a força do lugar.

Cabe ainda a definição de espaço e lugar que, segundo Tuan (apud MEZZADRI, 2006, p. 63):

Espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto, sugere futuro e convida à ação. O espaço fechado e humanizado é lugar. Os seres humanos necessitam de espaço e lugar, pois as suas vidas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. O lugar representa a segurança, enquanto o espaço representa a liberdade.

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICAS DA CIDADE DE CAÇADOR - SC

Quem nasce nesse lugar chamado Caçador é caçadoreense. A cidade do meio oeste catarinense ocupa uma área da unidade territorial de 982 Km² e dista pela BR 282 a 400 Km da Capital do Estado, Florianópolis. A contagem da população em 2007 foi de 67.556 e a colonização predominante é a italiana. Segundo o IBGE o PIB per capita é de 15396 Reais; o clima é temperado com temperatura média entre 15° e 25°. O inverno costuma ser bastante rigoroso. Estamos numa altitude de 920m acima do nível do mar.

A região de Caçador inicialmente era habitada por índios das etnias Kaingang e Xokleng.

No ano de 1881 chegou à região Francisco Corrêa de Melo, que veio de Campos Novos e se estabeleceu às margens do rio Caçador, assim denominado devido à abundância da caça. Sendo seguido, seis anos depois, por Pedro Ribeiro e, em 1891, por Tomaz Gonçalves Padilha; este chegou até o rio 15 de novembro.

Tiveram os habitantes de lutar contra as feras e os índios, que ocupavam toda a zona, chegando mesmo a atacar as turmas de construção da Estrada de Ferro São Paulo Rio Grande, cujos trilhos alcançaram Caçador em 1910. A estrada de ferro atraiu grande número de habitantes de origem italiana, vindos sobretudo da zona colonial do Rio Grande do Sul. A colonização do núcleo do Rio das Antas, pela Brazil-Railway Co., empolgou os colonos teuto-brasileiros do litoral de Santa Catarina.

De 1914 a 1917, o território esteve conflagrado com a campanha do Contestado. A luta destruiu o que havia de organizado na região, sendo incendiados numerosos núcleos de povoamento. Em 1917, com o

acordo de limite entre o Paraná e Santa Catarina, abriu-se um período de paz, que possibilitou o reinício das atividades normais da população.

Em 1918 foi instalada a primeira agência postal, onde já existia um posto de rendas estaduais.

A abertura da estrada de Rodagem Caçador-Curitiba, em 1933, veio dar grande impulso à região, com a chegada de imigrante e a instalação de serrarias, em meio às densas matas de Pinheiros. Distrito criado com a denominação de Rio Caçador, pela lei municipal nº 289, de 0901-1923, subordinado ao município de Campos Novos.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito de Rio Caçador figura no município de Curitiba.

Elevado à categoria de município com a denominação de Caçador pelo decreto estadual nº 508, de 22-02-1934, desmembrado do municípios de Curitiba, Campos Novos, Cruzeiro, Porto União. Sede no antigo distrito de Caçador. Constituído do distrito sede. Instalado em 25-03-1934.

Pela lei estadual nº 348, de 21-06-1958, desmembra do município de Caçador os distritos de Rio das Antas e Ipomeia, para formar o novo município de Rio das Antas. Em divisão territorial datada de 1/07/1960, o município ficou constituído de 3 distritos: Caçador, Macieira e Taquara Verde.

Pela lei estadual nº 8560, de 30-03-1992, desmembra do município de Caçador o distrito de Macieira, elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 1/06/1995, o município é constituído de 2 distritos: Caçador e Taquara Verde, assim permanecendo até a divisão territorial de 2003.

O Município de Caçador fica no coração da região onde, de 1912 a 1916, ocorreu a chamada Guerra do Contestado. É um orgulho ter a floresta Nacional de Caçador, com reflorestamento de pinus e araucária que tem registrado o recorde de ser a maior floresta reflorestada de araucária do mundo. Justifica-se, portanto, a vocação natural do município em estar ligado com a indústria madeireira ostentando o título de “Capital Brasileira da Madeira”.

Entre as atrações turísticas destaca-se a ponte coberta de madeira Antônio Bortolon, que foi construída originalmente em 1924, sendo uma réplica de uma ponte na cidade de Bassano del Grappa, na Itália, o Museu do Contestado e a Reserva Florestal do Contestado, considerado o maior santuário ecológico da região meio-oeste catarinense.

Caçador é o município mais populoso do meio-oeste, despontando na economia catarinense como 14º colocado em arrecadação e o 5º maior exportador do Estado.

A cidade conta com 3 Clubes sociais de acesso restrito: Clube de campo Rancho Fundo, Sociedade Caçadoreense de Bochas, Clube 29 de março, além da Associações de empresas da cidade. Contamos ainda com clubes de serviço tais como Leo Clube Caçador, Lions Centro e Universidade e Rotary Clube, além do Clube da Maçonaria e Ordem de Molay que promovem ações sociais, campanhas humanitárias e eventos diversos. Em relação à educação, a cidade possui 57 Escolas Municipais, 11 Estaduais e 15 Particulares. Além disso a Universidade do Contestado se faz presente no ensino superior de Caçador, sendo que entre os 20 cursos oferecidos, destaca-se o curso de Educação Física oferecido em regime especial.

O lazer em Caçador tem sido pensado, conforme Marcellino (2007) como eventos isolados, prova disto é o calendário da cidade:

Março: festa do Dia do Município (25);

Junho: festa da Fogueira e do Quentão

Outubro: festa da Criança

Dezembro: show da Virada (31)

Torna-se inviável caracterizar a cidade sem levar em conta os aspectos de infra-estrutura e plano diretor. De acordo com

a lei de saneamento e uso do solo urbano deve orientar o planejamento da cidade, ou seja, o Plano Diretor é uma exigência do Estatuto da Cidade, que tem por finalidade definir o espaço das diversas atividades humanas, tais como: habitação, centros industriais ou comerciais e as de lazer (BRASIL, 2002, apud SILVA).

Caçador cresceu e se desenvolveu de forma pouco ordenada; diante da necessidade de criar um setor que planejasse e programasse o crescimento da cidade, em 2005, o IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Caçador) não existia, mas era um compromisso de campanha do Prefeito Saulo Sperotto, reeleito e atual prefeito.

Em 2006 o IPPUC (Anexo D) foi efetivamente criado com o objetivo de restabelecer a ordem e criar um plano de crescimento que favoreça o território caçadoreense, aproveitando os espaços vazios, garantindo segurança as ocupações e regularizando áreas e loteamentos

gerando benefícios aos cidadãos. Assim, mais de 20 mil çadadorenses mobilizaram-se na confecção do Plano Diretor (não explica de que maneira esse processo aconteceu), obrigação estabelecida pelo Governo Federal a todos os municípios com mais de 20 mil habitantes. Este desafio transformou-se em projetos que efetivamente puderam revitalizar, adequar e ampliar vários espaços como escolas, ruas, praças, postos de saúde, Pontos de Taxi, Portal Turístico, Vila das Etnias, Centro do Idoso, pista de caminhada e cancha de laço. Mas o maior projeto em andamento é o Parque Central, cujo trabalho burocrático fica a encargo do IPPUC. (Folha da Cidade, ed. 3287- 28/11/2008.)

Quanto aos espaços públicos destinados ao lazer da população a cidade conta com o Parque das Araucárias, destinado a Shows e grandes eventos, 1 ciclovia que circunda parte da area central da cidade, 06 praças distribuídas na região central e proximidades, sendo que duas delas são objeto deste estudo, a praça Henrique Júlio Berger e a praça Ulipe Dalmas.

2.2 AS PRAÇAS HENRIQUE JÚLIO BERGER E ULIPE DALMAS (BEIRA-RIO)

Sendo os espaços públicos escolhidos, as praças, cabe então defini-las. O termo praça implica inúmeras definições, tanto por parte do poder público, quanto de pesquisadores e técnicos, tendo em vista a amplitude e variedade de idéias dos diversos estudiosos. No entanto, existe um ponto de convergência, de que constitui-se em um espaço público. (GOMES, 2005)

Este autor corrobora com Robba e Macedo (2002, p. 17) quanto à conceituação de praças: “espaços livres urbanos destinados ao lazer e convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livre de veículos”.

Outra consideração vem de Casé (2000, p. 56) de que a praça é síntese da cultura urbana de uma comunidade e se constitui num legado pleno de ensinamentos, logo, exerce a função de aglutinadora de encontro e da convivência. Assim, faz sentido a opinião de Rechia (apud MEZZADRI, 2006) ao afirmar que os espaços abertos das cidades ensaiam a “convivência com aquele que eu não conheço muito bem”, não se estranha os estranhos, favorecendo a manutenção de formas de convívio, civilidade e de cidadania.

Os equipamentos das praças, por sua vez, devem considerar as necessidades reais da população para que sejam coerentes com as aspirações das pessoas, uma vez que todo equipamento está situado, de

alguma maneira, dentro de uma certa proximidade de setores residenciais ou projetado para que determinada população usufrua de suas instalações, pois como afirma Gonçalves Jr. (1990), o termo urbanismo tornou-se importante, considerando o espaço e a sociedade como dois elementos que deve ter uma relação permanente.

Apresento a praça Henrique Julio Berger:



Ilustração 2- Praça Henrique Júlio Berger



Ilustração 3 - Praça Henrique Júlio Berger

Localiza-se no bairro de mesmo nome e este, por sua vez, é próximo ao centro. A praça ocupa uma esquina e tem aproximadamente 1.400 m². Está no cruzamento das ruas Henrique Julio Berger e Hugo Torres Cruz.

A praça possui equipamentos tais como:

- balanças, gangorras, currupios, vai-vem, destinados às crianças menores de 12 anos.

- 6 bancos de madeira espalhados na área ao redor dos brinquedos;

- 5 mesas de concreto redondas com 4 bancos cada, sempre utilizados pelos Srs. da terceira idade para os jogos de dominó;

- 8 postes de iluminação voltados p/ a parte central da praça e 1 no centro;

- existe um local destinado à administração, 1 banheiro feminino e 1 masculino;

- 1 pista de caminhada que circunda a área dos brinquedos e 2 quadras;

As quadras: 1 delas de asfalto, com 2 traves sem rede; ao lado também de asfalto as linhas são para vôlei, porém sem rede. Outra quadra é de areia, onde tem os postes, sem a rede de vôlei e um outro espaço de grama, que é utilizado para futebol, mesmo que não se pareça com uma quadra. A praça é bastante arborizada e é limpa, apesar de contar com apenas 6 lixeiras.

Ao observar a vida na praça durante o dia, percebe-se que é local de estar com os amigos ou fazer novas amizades, através de um jogo de futebol, que acaba por reunir crianças, jovens e adultos utilizando chinelos como trave se for necessário, além das manifestações da prática da capoeira por parte de crianças pequenas (entre 7 e 10 anos). Também é interessante os Senhores que diariamente jogam dominó. Eles se dizem satisfeitos com as mesas que o Prefeito mandou colocar na praça e que jogar “é o trabalho deles”.

Uma característica marcante desta praça é que é um local essencialmente masculino. Esta constatação corrobora com os resultados da pesquisa da Unesco, 2006 sobre a juventude (citada posteriormente): por ser a rua, o lugar de meninos, e a casa, lugar que “protege” as meninas, elas acabam duplamente interdidas ao direito do seu tempo livre e ao lazer; a rua não é seu espaço e em casa deve ajudar nas tarefas domésticas. Poderíamos pensar melhor na questão das meninas, enquanto cidadãs?

Já a praça Ulipe Dalmas, também conhecida como a praça da “carroça” fica na beira-rio, tem jardins bem cuidados, 6 bancos e um mirante voltado para o Rio do Peixe, além de a ciclovia e pista de caminhada ao longo de 800m. Tem um equipamento para ginástica, tipo 3 em 1 que nunca tive a oportunidade de ver alguém utilizando.



Ilustração 4 Praça Ulipe Dalmas



Ilustração 5 - Ciclovía adjacente à Praça Ulipe Dalmas

A característica principal deste local é que tem sido ponto de encontro de jovens, os quais se ocupam dos espaços da praça, mirante, posto de gasolina em frente e os muros baixos ao longo da rua; as atividades exercidas por eles limita-se a ouvir música encostados nos carros, conversar, namorar e beber; nos finais de tarde de sábado e domingos pela manhã é grande a quantidade de garrafas jogadas na margem do rio e na rua; é difícil encontrar algum jovem caminhando ou andando de bicicleta e quando acontece percebe-se que trata-se de meninas, na maior parte. Lazer, juventude e álcool têm representado tema de preocupações e estudos em diferentes segmentos da sociedade, em função dos efeitos negativos que produzem a curto e médio prazo.

O álcool, como droga lícita e livremente comercializada no país é a preferência do público jovem brasileiro. O estudo em questão é de Liana Abrão Romera, que está disponível apenas em resumo (com data prevista de liberação para download em outubro/2009) que investigou o uso de álcool por parte de jovens torcedores em estádios de futebol durante o Campeonato Paulista de Futebol entre 2007 e 2008. ROMERA, (2008).

Constata-se, portanto, que o uso de álcool por parte dos jovens não é fato que acontece somente em Caçador e poderia ser pensado por parte do poder público em alternativas de lazer para tentar reverter esse quadro, a partir da opinião dos próprios jovens. Neste sentido Gutierrez (1998, p.10) destaca que “uma política eficiente não pode ser fruto de um planejamento tecnocrático, mas dependerá fundamentalmente de uma discussão ampla e democrática com a população interessada”.

Ainda sobre o espaço na beira-rio percebe-se que as pessoas que desejam estar com a família normalmente ficam um pouco distantes dos grupos de jovens. No local transitam muitas pessoas que praticam caminhada, corrida ou andam de bicicleta. Optamos por abandonar este campo de pesquisa devido ao desencontro entre os fatos constatados e as intenções da pesquisa.

2.2.1 Tipologia dos espaços/equipamentos

Apesar de existirem poucos estudos em relação aos equipamentos de lazer, tentaremos classificá-los de acordo com Santini (1993) que procurou analisar os equipamentos de duas maneiras. Na primeira, espaços e equipamentos se confundem, sendo que muitas vezes as palavras são utilizadas como sinônimos. Na segunda, os espaços são

considerados como suporte para os equipamentos e mobiliários são, portanto, distintos. Assim, “os equipamentos podem ser considerados como sendo os objetos que organizam o espaço em função de determinada atividade”. Na intenção de classificar os equipamentos, primeiramente a autora procurou encontrar as possíveis classificações dadas ao lazer, baseada no estudo de Sarah Bacal. “Classificação de atividades de recreação”.

<p>Lazeres ativos (Indivíduo participar física e psicologicamente)</p>	<p>Jogos infantis de pouca organização e regras</p> <p>Jogos individuais ou de duplas</p> <p>Esportes em grupos</p> <p>Atividades musicais</p> <p>Arte e hobbies</p> <p>Atividades de viagem</p>
<p>Lazeres passivos (O indivíduo é receptor, mas participa psicologicamente)</p>	<p>Atividades culturais</p>

Quadro 1- Classificação dos Lazeres

Fonte: Estudo de classificação elaborado pela Prof^a Dr^a Sarah S. Bacal, baseada na “Classificação de atividades de recreação” de Butler *in Classificação de variáveis nas pesquisas de Recreação e Turismo*.

<p>Equipamentos de lazer</p>	<p>Para passeios, descontração, jogos, atividades ao ar livre</p>
	<p>Para esportes</p>
	<p>Para espetáculos, encontros, vida social</p>

Quadro 2 – Equipamentos de lazer

Fonte: CORONIO, G., & MURET, J. P. Loisirs – guide pratique des équipements, Centre de Recherche D’Urbanisme, Paris, 1976.

Tipo - Função	Tempo	Tamanho	Local	Uso
Equipamentos específicos	Diário	Micro	Centros infantis, cine-clube, clube de fotografia, atelier de artesanato, instituições de ioga	Atividades de lazer de caráter: físico, manual, artístico, intelectual e social
		Médio	Cinema, teatro, piscina, quadras de esporte, salas para cursos, áreas de criatividade	
	Fim de semana	Macro urbano	Clubes, parques, jardins, zôos	Atividades de lazer ao ar livre
		Macro periférico	Praias, campos, clubes de campo	
	Férias	Macro	Colônias de férias, camping, hotéis	Atividades de lazer de caráter múltiplo

Quadro 3 - Tipologia dos Equipamentos de Lazer

Fonte: Elaborado pela Prof^a Rita C. Giraldi Santini, baseado em “Sugestões para uma política de localização dos Equipamentos” – Renato Strechia.

Tipo - Função	Função básica	Local	Uso para lazer –Atividades de caráter:
Equipamentos Não específicos	Espaços de trabalho		Social, cultural, esportivo
	Espaços de educação formal	Escolas de 1º, 2º e 3º graus	Social, cultural, esportivo
	Espaços religiosos	Igrejas	Social, cultural, recreativo
	Espaços cívicos	Quarteis, palácios governamentais, edifícios públicos	Esportivo, cultural
	Espaços vários	Praças, ruas, calçadas	Social, cultural, esportivo
	Espaços domésticos	Residências	Social, cultural, <i>hobbies</i>
	Espaços gastronômicos	Bares, restaurantes	Social

Quadro 4: Tipologia dos Equipamentos de Lazer

Fonte: Elaborado pela Profª Rita C. Giraldi Santini, baseado em “Sugestões para uma política de localização dos Equipamentos” – Renato Strechia.

Diante do exposto, classificam-se os locais citados como sendo equipamentos não específicos, com função básica espaços viários e com atividades de caráter social, cultural e esportivo. Quanto ao tamanho, médio e macro urbano para uso em atividades de lazer ao ar livre e de caráter físico, manual, artístico, intelectual e social.

O homem não ocupa simplesmente o espaço - no sentido de dimensão e uso - mas se sente parte integrante do ambiente onde vive, nele sabendo se orientar e atribuindo-lhe os mais profundos significados. (Santini,1993, p.45).

Sabe-se da falta de uma política de animação cultural para o lazer, utilizando esses equipamentos, e naturalmente uma preocupação com a manutenção e preservação dos mesmos variando de acordo com a realidade a qual pertencem, seja de responsabilidade municipal, estadual ou federal, semi-públicos ou mistos, recebendo ou não incentivo de parcerias privadas, os quais com a preocupação de retorno financeiro. Muitos equipamentos surgem devido ao aproveitamento de antigas instalações, diminuindo o tempo gasto no percurso entre os equipamentos e os usuários e ainda, preservando o patrimônio cultural arquitetônico, sendo também saudável à economia.

Ao seguir o ponto de vista apontado por Santini (1993), Marcellino (2007) conclui que é possível exercer atividades de lazer sem um equipamento, mas não é possível o lazer sem a existência de um espaço. Democratizar o lazer implica em democratizar o espaço. Para a efetivação das características dos equipamentos construídos para o lazer é necessário que ao tempo disponível corresponda um espaço disponível. O espaço para o lazer é o espaço urbano. As cidades são grandes espaços e equipamentos de lazer.

Ao se proceder à relação lazer/espaço urbano, verifica-se muitos descompassos derivados da natureza do crescimento das cidades, caracterizado pela aceleração e imediatismo. O aumento da população não foi acompanhado pelo desenvolvimento adequado de infra-estrutura, gerando desníveis na ocupação do solo, diferenciando claramente de um lado as áreas centrais, os pólos nobres e de outro lado a periferia, com seus bolsões de pobreza. Alguns equipamentos não são acessíveis à população mais pobre, como os shoppings, cinema e teatros, por exemplo. Assim, o próprio espaço urbano passa a constituir um bem econômico, um produto a mais no mercado.

Ao se considerar o espaço é preciso que se considere o tempo. Não há como evitar essa interface. Os usos de um se desdobram nos usos do outro e vice-versa. Dessa forma, ao tempo abstrato corresponde, portanto, um espaço abstrato. Ao ser submetida à lógica do lucro, a cidade é rebaixada de obra (valor de uso e fruição) a produto para consumo (instrumento do valor de troca) e o espaço/tempo passam a ser considerados como itens de produção – mercadorias. Os espaços públicos passam a ser convertidos em espaços ‘privatizados’. (MARCELLINO, 2007, p.19)

Compreende-se a falta de espaço para o lazer, na perspectiva do encontro humano e a oferta de equipamentos para o lazer mercadoria. Quando são planejados e construídos, os espaços/equipamentos devem oferecer possibilidades de lucro. Agrava-se o problema se considerarmos que as camadas mais pobres da população vêm sendo expulsas para a periferia, sendo afastadas dos serviços e equipamentos específicos dificultando ainda mais a prática de lazer. “É preciso que o poder municipal entenda a importância dos espaços urbanos de lazer nas cidades, antes que as empresas os transformem em produtos acessíveis somente a classes sociais mais altas” (MARCELLINO, 2007.p. 19).

Em relação aos espaços urbanos Magnani (2002) observa a ausência de atores sociais. “Tem-se a cidade à parte de seus moradores”. Pensada como resultado de forças econômicas, interesse imobiliário e elites locais, parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade. Os atores sociais, quando aparecem, são representantes do capital e das forças de trabalho. Já os moradores, que dão vida à metrópole, quase não aparecem e quando o fazem é na qualidade da parte passiva.

A incorporação dos moradores e suas práticas permitiria introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade, para além da perspectiva do poder, de quem decide o que certo ou errado, conveniente ou lucrativo. Através do método etnográfico o autor resgata um olhar de perto e de dentro para descrever e refletir sobre aspectos excluídos vistos de fora e de longe.

O autor apresenta ainda, uma série de categorias que terminaram conformando uma “família” terminológica. São elas: pedaço, trajeto, mancha, pórtico e circuito, surgidos no contexto de uma pesquisa sobre lazer na periferia de São Paulo.

O pedaço é um ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações. O pedaço é lugar dos colegas, dos chegados, não basta passar pelo lugar ou frequentá-lo com certa regularidade para ser do pedaço. Já a mancha está aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos. As atividades que oferecem são resultado da multiplicidade de relações entre seus equipamentos, vias de acesso, tornando-se um ponto de referência físico, visível e público para um número maior de usuários. A mancha cede lugar para encontros inesperados; numa determinada mancha sabe-se que tipo de pessoas ou serviços vai encontrar.

Em relação ao trajeto, pode-se afirmar que surgiu da necessidade de categorizar uma forma de uso do espaço. Na paisagem mais ampla da cidade, trajetos ligam equipamentos, manchas, complementares ou alternativos. O trajeto leva de um ponto a outro por meio de pórtricos, que podem ser chamados de “terra de ninguém”, lugares que não pertencem à mancha de cá, nem se situam na de lá. Lugares sombrios muitas vezes precisam ser cruzados rapidamente, sem olhar pra os lados...

A noção de circuito também designa um uso dos equipamentos que concorrem para a oferta de bem ou serviço. É possível distinguir um circuito principal que engloba outros mais específicos.

A cidade de Caçador possui, pois, pedaços, manchas, trajetos e circuitos. Conforme o slogan, Caçador “**É um bom lugar para se viver**”. O Hino de Caçador faz juz à minha crença de que é um bom lugar para se viver, cantamos assim ...

“Caçador é um rio pequenino,
que deu nome a minha cidade,
e você que aqui se encontra,
com certeza está bem à vontade.

É Caçador capital da indústria, das parreiras e dos pinheirais.

Aqui eu vivo, aqui eu trabalho e me orgulho até demais.

A juventude que na escola, no esporte e outras mil,
nesta terra, tão querida, é o recanto dos amigos do Brasil”.

Longe de ser perfeita a minha cidade, faço desta pesquisa um meio de torná-la ainda melhor, elevando o lazer à categoria relevante que é, e que se faça política de lazer “com” as pessoas e não, “para” elas. Tampouco tenho a pretensão de criar um modelo ideal de cidade e sim a

nossa cidade, que é uma realidade espacial e social, concreta e rica de contrastes e de possibilidades possa ser re-organizada a fim de que possa haver uma aproximação entre o que o cidadão deseja e o que a cidade tem a lhe oferecer; que a situação sócio-econômica não os tornem menos cidadãos. Na resolução de grandes problemas, às vezes se esquece o cotidiano a que se refere Pellegrin (1999 p14), citando Henri Lefebvre (1991) “um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos, (necessidades, trabalho, diversão- produtos e obras - passividade e criatividade - meios e finalidade, etc), interação dialética da qual seria possível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis)”.

A mesma autora ressalta ainda, a crítica de Milton Santos (1987) destacando o cotidiano como esfera da vida onde não há lugar apenas para conformismo, mas também para questionamentos e mudanças significativas.

3 REFLEXÕES SOBRE OS ESPAÇOS, EQUIPAMENTOS E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O LAZER NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Qual a razão de se fazer um levantamento do “estado da arte”? Todo trabalho acadêmico, independente da área ou objetivos a serem atingidos, necessita conhecer sobre a produção pré-existente. A finalidade desse levantamento é reconhecer os avanços e limites na produção do conhecimento de determinado tema, acredita-se que esse capítulo cumpre este papel. Por meio de um levantamento em produções acadêmicas do campo da Educação Física (dissertações, teses, artigos), foi buscada a construção de uma síntese que possibilitasse a compreensão do que pensam os autores do nosso campo sobre espaços, equipamentos e políticas públicas para o lazer. Trata-se, obviamente, de um levantamento não exaustivo e tampouco definitivo; a preocupação maior foi, de forma comparativa, permitir situar este estudo em relação às pesquisas que trataram da temática.

Qualquer pesquisador que deseja conhecer os estudos sobre lazer enfrentará dificuldades devido ao problema da dispersão da produção do conhecimento, uma vez que várias áreas têm dedicado atenção à temática. Peixoto (2007) dedicou seu trabalho a este fim. Para tanto utilizou-se da disponibilização *on line* de informações sobre os acervos das bibliotecas públicas, do banco de currículos e grupos de pesquisa do CNPQ (Plataforma Lates), de teses e dissertações (portais das bibliotecas universitárias) e periódicos *on line* para que o “Levantamento do Estado da Arte nos Estudos do Lazer: (Brasil) Séculos XX e XXI - Alguns Apontamentos” pudesse ser concretizado. Até 15 de maio de 2006, havia catalogado um volume de 2.624 trabalhos publicados entre os anos de 1891 e 2006 apenas por autores brasileiros, permitindo a localização cronológica de autores e temáticas privilegiadas.

O presente estudo percorreu parte destes caminhos para expor o que segue onde a ordem cronológica não foi considerada e sim, os termos juventude, lazer e políticas públicas que por vezes aparecem isolados ou combinados entre si.

A pesquisa sobre a juventude brasileira tem tido um impulso nos últimos anos com o movimento nacional de Políticas Públicas para a juventude, mas estamos longe de ter uma visão ampla e detalhada de estudos sobre o fenômeno juvenil como acontece em países do Atlântico Norte. A Alemanha, por exemplo, festejou em 2003, 40 anos de pesquisa em juventude. No Brasil, estamos no início da caminhada (STRECK,

2006). Essa autora cita em seu trabalho uma pesquisa realizada em São Leopoldo - RS sobre a “Emergência de valores na juventude Latino-Americana” que por sua vez tentou seguir os passos propostos pela Rede de Pesquisadores Latino-Americanos em Juventude. Grupos focais com jovens da periferia e do centro objetivaram saber o que eles fazem para lazer e onde se encontram. Houve ainda, grupos focais com adultos que têm alguma relação com jovens (educadores, psicólogos, religiosos). Os dados apontam para a imensa situação de exclusão em que os jovens se encontram, sem possibilidades de emprego e estudo, gerando violência. Reconhece o trabalho das ONG’s e diversas ações, mas atenta para o fato de que o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) é uma lei que ainda não foi colocada em prática devido a falta de recursos humanos e financeiros para atender a grande demanda na área da pedagogia social, psicologia e assistência social. Conclui seu trabalho com sugestões que passam pela população ser ouvida e capacitada a fim de poder reconstruir suas comunidades e exemplos bem sucedidos serem implementados.

Em 2007 o projeto “Equipamentos de lazer e esporte: relações entre as cidades sede, e as de pequeno e médio porte - subsídios para políticas públicas, em regiões metropolitanas”, deu origem ao livro coordenado pelo Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino que analisou os equipamentos e espaços de lazer, a relação estabelecida entre profissionais e público usuário em Campinas, Hortolândia, Nova Odessa e Monte Mor² (MARCELLINO,2007).

Encontra-se também, a tese de doutorado de Simone Rechia, (RECHIA, 2003) que, através de uma pesquisa que adotou a etnografia e guiou-se pela análise cultural proposta por GEERTZ (1989), procurou saber por que a cidade de Curitiba desenvolveu de forma identitária espaços urbanos de lazer centrados no sistema de parques públicos. Enquanto cidadã moradora em Curitiba pode perceber as mudanças estruturais da cidade e sua nova maneira de apropriar-se dos locais que foram palco de brincadeiras infantis. Este estudo possibilitou entre outras coisas, um levantamento dos locais públicos destinados ao lazer, ao entendimento de que a criação dos parques contribuiu para a preservação ambiental preservando grandes áreas verdes, as matas ciliares e os lagos artificiais que regularam a vazão dos rios que cortam a cidade. A observação permitiu afirmar que os moradores estabeleceram uma relação afetiva com os parques públicos que são a marca e a

² Cidades do Estado de São Paulo

identidade da cidade e que isso foi possível devido às condições de acesso, da localização, dos equipamentos e da infra-estrutura disponível. Reconhece a autora que, apesar de existirem deficiências no processo de modernização do planejamento urbano adotado pela cidade, bem como a necessidade de políticas públicas voltadas ao planejamento, manutenção e gestão dos parques, o modelo de parques adotado pelo planejamento urbano de Curitiba foi incorporado pelos habitantes da cidade com práticas sociais ricas e interessantes que fazem desta cidade a “Cidade dos Parques”.

Outra pesquisa na área de lazer e políticas públicas vem de Amaral (2003) ao analisar como se deu a participação dos cidadãos na elaboração de políticas públicas destinadas ao lazer na cidade de Porto Alegre. Os Governos da Frente Popular estabeleceram um canal de comunicação com a sociedade através do Orçamento Participativo; Amaral (2003) observou que embora tenham havido avanços e criação de locais públicos em áreas onde não existia nada, as ações da Secretaria Municipal de Esportes ainda deixam a desejar, pois esta trabalha com um conceito de lazer que não condiz com as perspectivas mais gerais da Frente Popular, pois ainda preconiza o controle sobre o tempo livre sob uma perspectiva moralista.

Em 2004, os pesquisadores Almeida e Gutierrez (2004), abordaram esta mesma temática. O estudo apresentou o lazer a partir do conceito de cultura e sua relação com as políticas públicas (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2004). Os autores passam pela cômoda noção de lazer (visto como ócio e delinquência) empregada nas gestões pelas prefeituras de Belo Horizonte e Porto Alegre tendo no Esporte e nas atividades físicas o grande marketing das políticas públicas e afirmam que o lazer é uma opção fraca politicamente, quando se pensa no peso que este representa dentro de uma constelação de prioridades de investimento. Enfatizam ainda que a política pública de lazer deve ser crítica e articular-se, compartilhar objetivos e recursos, além de favorecer a sociabilidade.

Esses mesmos autores, em 2005, apresentaram um artigo com algumas reflexões sobre as práticas e teoria de lazer em diferentes períodos históricos a partir da realidade política e econômica brasileira (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2005). O objetivo foi investigar a evolução das práticas de lazer e os autores que influenciaram a produção teórica local. Para tanto dividiram em quatro períodos.

O primeiro, Nacional-desenvolvimentismo (1946-1964), destaca-se entre tantas transformações o surgimento da indústria automobilística, a construção de estradas, a inauguração da capital federal de Brasília, a

valorização no campo da cultura e das artes das temáticas brasileiras. O desenvolvimento econômico e industrial impulsiona um maior acesso ao lazer por parte do trabalhador através da construção dos clubes-empresa. Os espetáculos de lazer tinham como público principal os setores urbanos de classe média e alta; o lazer popular mantinha a tradição do lazer de rua, o circo e as festas católicas populares. Ainda havia muito espaço livre para que a população de baixa renda pudesse organizar atividades lúdicas, enquanto os mais abastados tinham os clubes e os parques públicos, em geral localizados em regiões mais valorizadas.

O período militar (1965-1985) caracterizou-se pelo prosseguimento do desenvolvimento capitalista no país, intensificando a concentração de renda. Neste período o desenvolvimento dos meios de comunicação, em especial a televisão ajudou também a desestimular as manifestações artísticas que procuravam atingir os setores populares. O “milagre econômico” de 1970 ampliou a desigualdade social, a ponto de a ONU considerar o Brasil, até meados da década de 1980, como o país mais desigual do mundo. Ao mesmo tempo, as famílias de classe média puderam comprar seus automóveis, televisores, ir ao cinema, praia e, aos poucos, substituir o comércio de rua pela ida aos *shoppings*. Com a ditadura militar, as expressões populares e as festas típicas passaram a ser controladas, a amizade com os vizinhos e as brincadeiras de rua foram inibidas pela repressão policial e pela diminuição de áreas livres e aumento do número de carros nas ruas. Os militares, sabendo da propaganda política que o lazer proporcionava, investiram na construção de estádios, parques públicos além de incentivar a participação em jogos e campeonatos mundiais de futebol. Essa utilização política do esporte deu origem ao projeto governamental Esporte Para Todos.

A redemocratização (1985-1990) foi um período onde a reflexão sobre o lazer começa ser sistematizada a partir da década de 70 com a incorporação das discussões de Dumazedier e Parker. Neste período, quando Marcellino, Strechia (1980), Oliveira e Mascaró (2007) discutiam o lazer, as pesquisas estavam permeadas pelos temas da cultura popular e pelo método educacional de Paulo Freire. Marcellino, pensou o lazer como atividades planejadas, e que as práticas espontâneas da cultura popular fossem racionalizadas e confrontadas com novas práticas visando a formação de profissionais para desenvolver o lazer junto à população. O lazer foi pensado por alguns autores como meio de conter a violência urbana, na criação e manutenção de parques, na observação de grupos e comunidades.

O último período citado pelos autores é a Globalização (1990 - atualidade). Explica-se este período pela abertura política que propiciou

o desenvolvimento da indústria cultural, pelo debate entre diferentes grupos acerca do lazer. Ao longo do tempo a população excluída e de baixa renda têm seu acesso ao lazer cada vez mais restrito. Ao final do artigo apresentam autores que vem discutindo o lazer e as políticas públicas até então.

A dissertação de mestrado de Lombardi (2005) pensa o lazer enquanto prática educativa e possibilidade de desenvolvimento humano. No decorrer de três capítulos de pesquisa bibliográfica trabalhou o lazer vivenciado no tempo disponível, os valores mais associados ao lazer (descanso e divertimento), o desenvolvimento (pessoal e social) e atribui o equilíbrio entre estes valores à ligação entre eles e os seis conteúdos culturais do lazer (manuais, intelectuais, sociais, físico-esportivos, artísticos e turísticos). Acredita que o lazer pode ser um “canal de informação”, que pode contribuir para o exercício da cidadania, um tempo e um espaço onde os indivíduos podem exercitar sua liberdade e individualidade, onde podem contestar a realidade e buscar transformá-la, onde podem encontrar liberdade de expressão, melhorar o corpo, a mente e o raciocínio, aprimorar o senso crítico, conhecer pessoas e lugares. Sendo considerado como espaço para a participação cultural em que as pessoas podem usufruir e criar cultura. Portanto, na educação pelo lazer que encontramos um privilegiado veículo de educação, que pode proporcionar desenvolvimento pessoal e social. Enfim, uma concepção de lazer com múltiplas utilidades.

Ainda encontramos a dissertação de Paiva (2003) defendida na FEF/Unicamp que procurou investigar as relações entre Extensão Universitária, Política Cultural e Lazer, tendo por base o Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão denominado Recreação Comunitária da FEF/UNICAMP. O trabalho destaca que as ações de extensão podem também ser vistas como um embrião de políticas culturais, quando fomentam formas de intervenção na realidade cultural de uma determinada comunidade e que as faculdades de Educação Física podem, através da extensão, fomentar uma política cultural.

Polato (2004), em sua dissertação, questiona sobre como as apropriações conceituais do lazer podem contribuir para a real necessidade de transformação do mundo. Para tanto sentiu a necessidade de discutir as perspectivas conceituais pelas quais o lazer vem sendo entendido para que fosse possível refletir sobre suas apropriações, definições e interpretações, a fim de possibilitar alternativas de ação neste campo específico. Identifica autores que se colocam numa tendência hegemônica (que reforça a dominação cultural, ideológica, moral e política da classe dirigente, pensando o lazer em conformidade

com o sistema de dominação de uma classe sobre a outra) e outros numa tendência contra-hegemônica (aquelas que, diante desta dominação vêem no lazer a possibilidade de crítica ao sistema, contribuindo para a construção de sujeitos historicamente ativos e organizados na busca por uma nova sociedade).

“Espaço público. Lugar de vida urbana” é o título do artigo apresentado por Serdoura e Silva (2006) no 2º Congresso Luso Brasileiro em Portugal. A proposta baseia-se na análise da cidade de Lisboa e a vida urbana no Parque das Nações e as devidas conclusões. Interessante neste estudo é a afirmação de que para satisfazer melhor as pessoas que usam quotidianamente o espaço público, há que tentar relacioná-los com o contexto urbano em que estes estão inseridos, de forma a analisar as mudanças que as pessoas promovem individualmente ou em grupo, pois já que são essas mudanças que produzem novas necessidades e novos espaços. Por isso faz-se necessário incentivar processos de desenho do espaço público a fim de oferecer a cidade a todos, ultrapassando barreiras físicas que impedem o acesso de segmentos (crianças e idosos ou incapacitados).

Hack (2005), em seu estudo procurou estabelecer uma compreensão das relações entre o discurso midiático, ao lazer e culturas juvenis. Evidencia a relevância dos meios de comunicação enquanto indústria midiática na contemporaneidade, o seu poder de alcance e sua forma para formar e constituir teias sociais de pensamentos, hábitos e modos de vida, em que as manifestações do lazer têm, a cada dia, maior incidência na conformação da subjetividade e de grupos sociais. A relação Mídia e Lazer, pela perspectiva das culturas juvenis, contribui na reflexão dos valores e comportamentos adotados pelos jovens e o estudo aponta entre outras coisas, para a necessidade de uma educação (crítica) para a mídia nos contextos escolares evidenciando a televisão como uma ferramenta pedagógica que a Educação/Educação Física mobiliza para intervir na vida. Destaca-se a relevância do Programa Esporte e Lazer nas Cidades (PELC), que combina pesquisa e ação.

A temática juventude, às vezes relacionada ao lazer, outras vezes, não, se faz presente neste projeto bem como em vários estudos. Por exemplo, na pesquisa Uvinha (1997), a qual teve a intenção de compreender a juventude e a cultura juvenil, contextualizadas em determinada realidade social e evidenciar a importância do lazer (em especial dos *skatistas*). Para tanto este estudo de caso deu-se a partir da técnica de observação participante e a combinação entre pesquisas bibliográficas e estudos já publicados em relação ao tema.

Nas concepções sobre juventude, o autor salienta que a transição entre criança e adulto pode ter como duração apenas poucos dias ou até muitos anos e que a vivência do “radical” parece permitir a exploração de novas energias e sensações, nas quais a força tende a ser substituída por movimentos refinados e o controle do corpo. Os jovens adotam o *skate* enquanto expressão de lazer, distinguindo-se de outros grupos da sociedade, marcando sua identidade. Antes, era tida como uma atividade marginalizada, hoje se insere no discurso pela qualidade de vida da população.

Dayrell e Carrano (2002) analisaram a situação dos jovens no Brasil, voltando seus olhares sob a situação social em que estão inseridos e após a análise de dados tais como escolaridade, trabalho, desemprego e mortalidade entre outros, acabam por deter-se na vulnerabilidade social dos jovens pobres e as políticas públicas, classificando-as como “fora de foco”, uma vez que a proclamação das boas intenções políticas dissociam-se de práticas efetivas de combate à realidade dos processos sociais, culturais e econômicos que envolvem as distintas situações da vivência da juventude no Brasil. Apontam, ainda, para o fato de que as políticas públicas para a juventude demandam ampliar a compreensão sobre os jovens, principalmente os da periferia e que não devemos esquecer o óbvio: que eles são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições de vida, possuem desejos e propostas de melhoria de vida, sendo, portanto, necessário ouvi-los.

Em outro artigo de Dayrell (2001) “o jovem como sujeito social”, observa-se uma análise dos jovens enquanto sujeitos sociais, pela ótica dos grupos musicais, especificamente de *rappers* e *funkeiros*. Através destes estilos de música, os jovens tentam alongar o período da juventude ao máximo que podem e, ao mesmo tempo, possibilitam uma ampliação significativa das hipóteses da vida, abrindo espaços para sonharem não apenas com que a sociedade lhes oferece. Infelizmente a maioria tende a abandonar o sonho e assumir compromissos profissionais para sobrevivência, em função de políticas públicas que não garantem espaços e tempos para que os jovens possam colocar-se enquanto cidadãos, com direito de viver plenamente a sua juventude.

Pode-se ainda citar o trabalho sobre o lazer e o tempo livre dos brasileiros (as) nas perspectivas de escolaridade e gênero, por Martins e Souza (2007?), que analisou os dados gerados pela pesquisa “Juventude, juventudes: o que une e o que separa”, publicada em 2006 pela Unesco, que permitiu ouvir homens e mulheres sobre diversos temas do universo juvenil e permitindo análises diversas (gênero, faixa etária, grau de instrução, cor/raça, etc). Algumas considerações relevantes são: os

jovens têm suas escolhas condicionadas a condições materiais para que se tornem concretas; o grau de instrução, bastante distinto entre os jovens atribui à escolaridade o fator de conformação de gostos e possibilidade de acesso a diferentes oportunidades. Preferências e acessos são construídos de acordo com a lógica de que há assuntos e atividades para mulheres e para homens. Por ser a rua o lugar de meninos e a casa o lugar que “protege” as meninas, elas acabam por ser duplamente interdidas ao direito ao tempo livre e ao lazer; na rua por que não é seu espaço; em casa por que tem que ajudar nas tarefas domésticas.

Os participantes do Grupo de Pesquisa: Espaço Urbano e Produção do Território – UFMS² (SILVA, et. al., 2006) estudaram a espacialização e a relação entre os moradores e os espaços públicos urbanos, as praças de Três Lagoas - MS. Neste estudo evidenciou-se que a concepção que se tem de cidade (lôcus de moradia e trabalho do homem) deve ser considerado também, como espaço que possibilita a vivência e a prática de atividades recreativas e de lazer em seu cotidiano. Neste sentido, destaca-se a importância das praças públicas no cotidiano dos moradores. O grupo cita as características básicas a respeito dos processos de intervenções de revitalização urbana, a serem considerados. a) Humanização os espaços coletivos produzidos; b) Valorização dos marcos simbólicos e históricos existentes; c) Incrementos dos usos de lazer; d) Preocupação com aspectos ecológicos; e) Participação da comunidade na concepção e implementação. Salientam ainda o recente trabalho de Rodrigues (2006) que analisou as praças de Três Lagoas à luz do direito para ressaltar as afirmações feitas por ela de que as praças não dispõem de rampas de acesso aos portadores de necessidades especiais e que é responsabilidade do administrador público “criar áreas verdes e praças abertas ao público, assim como preservá-las, de modo a contribuir para o equilíbrio do meio em que mais intensamente vive e trabalha o homem: a cidade”. (RODRIGUES, 2006, p.117)

Os espaços públicos de lazer são instrumentos de pesquisa que visam analisar a qualidade de vida urbana, como relata o artigo de Oliveira e Mascaró (2007), através de um estudo de caso na cidade de Passo Fundo, RS, em que classifica os espaços conforme as tipologias de acordo com conceitos de vários autores: a) parque, (tem objetivo de aproximar o homem da paisagem natural, sendo necessários grandes espaços cobertos de vegetação), b) praça, (espaço aberto público cercado

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

de ruas por todos os lados, concebido como espaço intencional de encontros sociais e atividades de lazer), c) largo e terreiro (configura-se como um espaço reduzido, sem intencionalidade no desenho do traçado urbano; são espaços formados por um, dois ou três terrenos do loteamento) Na pesquisa, considerou a quantidade, infra-estrutura, equipamentos, etc. Afirma que o crescimento desordenado das cidades e as políticas de gerenciamento, que nem sempre contemplam o interesse coletivo, criam reflexos na distribuição, tipologia e manutenção dos espaços públicos de lazer, favorecendo apenas parte da população. A qualidade de vida dos habitantes do meio urbano se garante, também pela existência de um sistema de espaços públicos abertos de lazer. Espaços estes, cuja vegetação presente favorece psicologicamente o bem-estar do homem além de agir positivamente nos aspectos ambientais.

Rodrigues (2003) tem seu trabalho intitulado “Construindo uma Política Pública de Lazer. Espaço ou Programa. O que garante a animação? Uma retrospectiva Histórica sobre o Município de Sorocaba”. O objetivo maior foi discutir o processo de intervenção do poder público na promoção do lazer para a população de Sorocaba. A pesquisa foi essencialmente bibliográfica e documental. A autora verificou forte influência de fatos históricos que contribuíram para formas de vivência de lazer da população, como o Ciclo do Tropeirismo. Através da Análise de Discurso, deu-se a interpretação de aspectos subjetivos que permitiram apontar conclusões tais como a de que a cidade tem vocação para o lazer, sustentado na tradição, mas existe lentidão e falta de sintonia quanto ao planejamento e implementação de espaços públicos de lazer, configurando progressos e retrocessos nas políticas públicas adotadas tanto no campo do lazer quanto de desenvolvimento urbano.

Outro estudo que teve por finalidade discutir a problemática do espaço de lazer no processo de urbanização foi o de Ferreira (2003). Para tanto investigou as políticas públicas de lazer no município de Goiânia, aspectos legislativos e como a população apropriou-se dos espaços de lazer para que estes dados pudessem subsidiar uma política setorial de lazer baseada no referencial teórico de Strehia (1980), que considera o aspecto material, o tempo e a animação sócio-cultural como as três diretrizes para a formulação de uma política de lazer. Nas suas conclusões ressalta que o lazer em Goiânia, analisado até o ano de 2000, não foi concebido a partir da população, não oferecendo a ela o exercício de cidadania; o lazer na cidade ocorreu ao acaso, em decorrência de ações pontuais oriundas de recursos federais. Tanto o governo quanto a população contribuem para que o lazer seja secundário, priorizando

outras necessidades consideradas mais imediatas, associando a visão preconceituosa de que o lazer “não é coisa séria”. Assim, a iniciativa privada foi responsável pela oferta de espaços tais como bares, cinemas, clubes, *shopping centers*, voltados às classes de maior poder aquisitivo.

O espaço urbano, através dos espaços vazios e espaços de lazer são discutidos no trabalho de Pellegrin (1999), que destacou a importância do uso e apropriação que a população faz dos espaços, a importância dos espaços vazios na cidade e o papel da gestão pública quanto a estes espaços. Afirma que o espaço cheio é predominante, onde fica esquecido a questão da espacialidade. A autora cita Barbuy (1980:19): “No espaço de três dimensões (comprimento, largura e altura), se pode transitar, comerciar, construir, amontoar, acumular, nascer e morrer. Na espacialidade se pode pensar, meditar, imaginar, sonhar, contemplar...”. O cheio e o vazio vivem no espaço urbano impregnados de significados trazendo algumas implicações para a vida das pessoas, inclusive para o lazer. Lembra ainda que os espaços vazios foram substituídos pela especulação imobiliária e os espaços de encontro foram desaparecendo em função do funcional e racional. A democracia do espaço urbano não existe, porque é privilégio de quem tem o poder de acesso e mobilidade. Conclui entre outras coisas que o poder público pode, através de suas políticas setoriais favorecer a formação de grupos de interesse representativos e atuantes.

Na seqüência, mais dois trabalhos interessantes sobre a temática. Ambos trazem o lazer vivenciado em atividades físicas na natureza. O primeiro deles é de Monteiro (2003) que procurou perceber através de praticantes de lazer e aventura na natureza, especialmente dois grupos ligados a atividades de montanhismo do Rio de Janeiro, quais as potencialidades para o exercício de novos processos de subjetivação e novas formas de sociabilidade, especialmente considerando as relações de amizade e faz “a aposta” de que:

o envolvimento com essas práticas coletivas de lazer pode configurar-se como uma experiência existencial fértil para o exercício de uma relação renovada do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a natureza, tornando possível a busca por processos renovados de subjetivação coletiva, podendo resultar em formas de amizade mais livres, criativas e solidárias. (MONTEIRO, 2004 p.8).

Para tanto, o procedimento metodológico adotado foi a etnografia guiando-se pela análise cultural proposta por Geertz (1989). O autor cita parte da história, que de acordo com Bétran (1995), aponta o fato de que a partir da década de 70 surge e se propaga nos países economicamente mais avançados essa nova forma lúdica no universo das práticas corporais cujo enfoque é a vivência de aventura na natureza e essas atividades são por ele consideradas como

práticas individualizadas que se fundamentam, geralmente em condutas motrizes, como o deslizar-se sobre superfícies naturais onde o equilíbrio para evitar a queda e a velocidade de deslocamento aproveitando as energias livres da natureza constituem os diversos níveis de risco controlado no qual se baseia a aventura (BÉTRAN 1995 APUD GEERTZ, 1989)

Apresenta ainda, particularidades dos grupos e sujeitos que o compõem para as reflexões posteriores, bem como os conceitos de lazer advindos de Marcellino, Bramante (1997), Gutierrez (1998) e Brunhs (1997) para afirmar que próprio insiste em pensar na experiência do lazer não como mero entretenimento, mas como uma possibilidade de aprendizado. De fato, sua aposta se reflete nas considerações finais do trabalho: as relações de amizades tendem a ser cultivadas e bastante valorizadas, pois oferecem amparo, sobretudo pela intensidade e emoção que é compartilhada nas experiências de lazer vividas na montanha; esses laços de amizade podem perder em duração e frequência, mas ganham em intensidade. Nessas experiências exercita-se uma relação de confiança e compromisso com o outro, resultado dos momentos de desafios e emoções compartilhadas.

Outra atividade física de aventura na natureza, o voo livre, foi pesquisado considerando a sociabilidade, o corpo e o risco como dimensões essenciais para se compreender essa AFAN (Atividade Física de Aventura na Natureza). O trabalho em questão é a tese de doutorado de Pimentel (2005). O sonho de voar passou pelo mito de Ícaro, Dédalus e Leonardo Da Vinci, até que a partir dos anos 70 com a asa-delta o voo foi assimilado como prática de lazer, não necessitando mais de motores e combustível. A descrição do estudo seguiu a recomendação de Maffesoli (1988), adotando uma sensibilidade teórica frente a realidade, sempre

contraditória. O voo livre com seu modo de funcionamento, materiais, preparativos, requisições corporais e movimentos que o compõem bem como os modos de relacionamento, formas de cooperação, relações de poder, outras atividades de lazer compartilhadas e as visões de mundo dos praticantes dessa atividade em Terra Rica/PR, especificamente na pista de voo Três Morrinhos.

Os aspectos do medo, relaxamento e necessidade de estar só após o voo são enfatizados. Algumas considerações são especialmente interessantes: os aventureiros não são necessariamente jovens, a faixa etária dos participantes variou entre 28 a 65 anos contradizendo as premissas difundidas pela opinião pública, mas lembra Spink (2006), de que a juventude é fator importante nos “esportes radicais” especialmente naqueles com ênfase na técnica e resistência corporal. Os pilotos mais velhos reconhecem os limites do corpo, mas se julgam mais experientes. Para eles um voo de lazer significa decolar, voar e pousar bem, sem correr riscos. Nessa lógica o jovem acaba associado à imprudência, ao piloto que se julga invulnerável com excesso de confiança. O ingresso na atividade está associado a transformações radicais na vida das pessoas, algumas trocaram a abundância material pela tranquilidade. Entre outras coisas foi possível neste voo perceber que “a vivência das AFAN como parte de um estilo de vida aventureiro mistura – sem haver síntese – tecnologia e misticismo, lazer e trabalho, razão e sensibilidade, urbano e natural, domicílio e errância, conforto e rústico, segurança e perigo”. (PIMENTEL, 2006 p.148)

A intenção de contribuir com dados que possam auxiliar na relação Estado-sociedade na formulação, implementação e gestão da política pública de esporte e lazer vem através do trabalho de Batista (2005). O trabalho aborda questões de participação da sociedade civil de Pernambuco entre os anos de 1999 e 2001. Entende que a adoção de mecanismos de democracia participativa na gestão de políticas públicas se constitui em elementos inovadores e contribuem para a redefinição da relação Estado-sociedade. Porém, ao analisar neste estudo o projeto “Idosos em Movimento” percebeu um distanciamento entre a proposta participativa do governo e o que de fato aconteceu na prática.

Diante do exposto é possível identificar que algumas considerações são recorrentes. Entre elas a insistente afirmativa de que a população precisa ser ouvida ao se planejar políticas públicas para o lazer, existindo distância entre o planejar e o agir; que a herança do período militar tirou a cultura de participação das comunidades e utilizou o futebol como participação de massa; que o lazer é uma opção política fraca diante do conjunto de necessidades e a retração do poder público

abre espaço à iniciativa privada; a importância dos espaços de lazer na natureza enquanto necessidade de socialização e qualidade de vida; a garantia do acesso aos equipamentos de lazer por parte do poder público ao construir espaços e equipamentos destinados ao lazer que por vezes parte de uma visão funcionalista.

Também destaca-se o conceito de lazer que preconiza um lazer moralista e que este, por sua vez, é um bem que se encontra na disputa de poder; que a mídia e o lazer estão ligados; que a educação pelo lazer é uma das formas de exercício de cidadania.

Quanto aos jovens é possível identificar formas de organização e expressão. É fato que eles precisam de espaço como cidadãos; que a representação da juventude é voltada ao assistencialismo ou resolução de problemas e a música como marca da juventude.

A abrangência e diversidade dos estudos mostra a importância que assume no meio acadêmico e a necessidade de novos estudos ainda não permite conclusões.

4 OS JOVENS E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE O LAZER EM CAÇADOR

Conforme anunciado, a opção metodológica baseou-se em questionários e grupo focal. A função de cada um deles foi importante na medida em que forneceram uma visão mais abrangente e elementos para o aprofundamento no grupo focal, como o caso dos questionários e o fato de que permitiu o aprofundamento dos dados coletados nos questionários, o grupo focal. A esses elementos denominamos de eixos temáticos de discussão.

Esses dois momentos aconteceram em um intervalo de tempo de seis meses. Alguns fatores colaboraram para esse fato. Primeiramente estava previsto o grupo focal com os jovens e freqüentadores da praça Henrique Júlio Berger, que poderiam ser alguns dos que responderam ao questionário na Escola Henrique Júlio Berger. As observações ainda no mês de novembro de 2008 apontaram um grupo de jovens que jogavam futebol quase todo fim de tarde que poderiam vir a ser os participantes do grupo focal. Tão logo iniciou-se o período de férias escolares, a ocupação do local tornou-se mais intensa, sendo freqüentada por muitas crianças e seus pais, entre outros.

Ao prosseguir com as observações percebemos que aquele grupo havia se dissipado. O lugar do jogo estava constantemente ocupado e já não era exclusividade do grupo. Quando as aulas iniciaram novamente foi possível constatar através de conversas com alguns conhecidos que a maioria deles estavam cursando o Ensino Médio (oferecido em escolas fora do bairro em questão) ou o E.J.A. (Educação de Jovens e Adultos) na região central, no período noturno. Com o final do horário de verão anoitecia mais cedo e o futebol acabou. A opção foi então ir de encontro deles, no E.J.A..

No mês de novembro de 2008 foram aplicados questionários aos jovens da escola municipal (Escola de Educação Básica Henrique Julio Berger): na ocasião todos estavam cursando a 8ª série do Ensino Fundamental, distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Ao todo foram 37 questionários respondidos, dos 90 distribuídos (com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), possibilitando as seguintes análises:

As idades variaram entre 13 anos e 19 anos, sendo 17 do sexo feminino e 19 do sexo masculino. Residiam no próprio bairro e em bairros vizinhos e distantes (muitos vinham de outra escola fechada para reforma). Do total de 37 jovens, 13 afirmaram estar trabalhando.

Os hábitos de lazer podem ser classificados de acordo com os conteúdos culturais de Dumazedier. De um modo geral variam entre os interesses físicos, preferência da maioria (fazer exercícios, praticar esportes). Estar na praça com os amigos, navegar na internet, jogar *video-game* e sair com os amigos representam os interesses sociais, mesmo que por vezes sejam virtuais. Os interesses intelectuais foram representados apenas pela leitura e adotada por poucos. Da mesma forma os interesses artísticos, aqui representados pelo hábito de tocar algum instrumento musical ou ouvir música e assistir TV foi pouco citado.

Entre os que freqüentam a praça Henrique Julio Berger o que mais gostam de fazer é conversar com os amigos, jogar bola, namorar, olhar as meninas, ficar sentados nos bancos e não fazer nada. Já a freqüência à praça Ulipe Dalmas é menor e muitos jovens nunca vão até lá. Dos que costumam estar lá, dizem que é bom por que tem muita gente, festa, bagunça, para beber, encontrar os amigos, fazer novas amizades, ver o movimento da cidade, além de o lugar ser bonito e limpo e ter um “charme” histórico.

Também foram questionados sobre o que mudariam nestes locais, se fosse possível. Na praça Henrique Julio Berger o que mais incomoda os jovens é a situação das quadras e dos banheiros, que deveriam ser arrumados, gostariam que tivesse materiais esportivos à disposição da comunidade, mais guardas, segurança 24 horas, manutenção dos brinquedos e da pista de caminhada além de estrutura para esportes novos (pista de *skate* e patins), além de brinquedos mais divertidos e aparelhos de ginástica. A praça Ulipe Dalmas, a conhecida Beira Rio não precisa de mudanças na opinião destes jovens. Acredita-se que como a maioria não freqüenta o local, é indiferente o que o local oferece, ou não. Aos que costumam estar lá bastam as pessoas, o movimento, poder beber e namorar.

O lazer na cidade para estes jovens seria perfeito se ...

pudessem fazer muita festa, praticar muito esporte, ter e estar em locais limpos e sem marginais e vândalos, ter programação para jogar bola, ter entretenimento, estar numa praça que tivesse guarda, para controlar os vândalos, ter brincadeiras na praça e em outros lugares, estar numa chácara com esportes radicais, no cinema e *shopping* (se tivesse), acampar, fazer trilhas, passeios com os amigos e ter mais coisas para fazer sem se preocupar com dinheiro. Para alguns, por vezes o lazer não seria nesta cidade, prefeririam viajar mais. Essa constatação vai de encontro com o resultado da análise da pesquisa nacional Retratos da Juventude Brasileira (2005). Ao serem questionados sobre as atividades

de lazer, cultura e passeios que nunca fez, mas gostaria de fazer, e razões para não fazê-las, em primeiro lugar está “viajar” e a razão principal por que não o fazem é a falta de dinheiro.

O turismo pode e deveria estar presente na formulação de políticas públicas de lazer, não o turismo que ofereça pacotes maravilhosos para atrair as pessoas a outros lugares, mas que as pessoas conheçam o seu lugar e sintam-se parte dele, que possam crescer, relacionar-se com as culturas, com o ambiente e com as outras pessoas.

O grupo focal previsto aconteceu no dia 20 de maio de 2009, quando fui recebida por 15 estudantes do E.J.A. (Educação de Jovens e Adultos) em sua sede à Avenida Barão do Rio Branco, n.732, centro de Caçador. Destes, 8 homens com idades variando entre 19 e 35 anos e 7 mulheres com idades variando entre 18 e 37 anos. Todos eles residem em bairros próximos ao centro, com exceção de um estudante que mora em um município vizinho. Todos trabalham durante o dia, motivo pelo qual frequentam a escola à noite.

Embora já houvesse feito alguns esclarecimentos a respeito do projeto num primeiro contato, senti a necessidade de fazê-lo novamente em função das novas pessoas que integravam o grupo. No início 12 pessoas estavam presentes; as demais chegaram no decorrer da atividade. Foram esclarecidos sobre os objetivos, sobre a justificativa do projeto e principalmente sobre a importância da participação deles nesta etapa da pesquisa enquanto cidadãos moradores na cidade de Caçador - SC.

Iniciamos então tendo os eixos temáticos como norteadores da conversa, que com o consentimento de todos foi filmada por uma pessoa auxiliar.

4.1 EIXOS TEMÁTICOS DE DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DO CAMPO (GRUPOS FOCALIS)

4.1.1 Aspectos positivos em relação aos espaços/equipamentos de lazer na cidade

Diz respeito a tudo que lembravam ter/ser positivo nos dois locais escolhidos: a praça Henrique Julio Berger e a praça Ulipe Dalmas (Beira-Rio)

Em relação à praça Henrique Júlio Berger aparecem na ordem em que mais foram citados os locais para jogar futebol, espaços para brincadeiras, pista para caminhadas, brinquedos para as crianças, lugar

para descanso, mesas para jogos, bancos, muitas árvores e jardins bem cuidados.

Já a praça Ulipe Dalmas foi lembrada pelo equipamento para fazer exercícios e pelo telefone público, somente. Alguns referiram-se a esta praça como a “praça da carroça”, pois antigamente havia uma carroça enfeitada no jardim que vez por outra recebia noivas que tiravam fotos nela.

O grupo como um todo não demonstrou simpatia pelo o lugar e deixou de lembrar dos belos jardins, bancos e toda a extensão da rua como ciclovia e local para caminhadas.

4.1.2 Lacunas e limitações nos espaços/equipamentos e ações públicas para o lazer

Diz respeito a tudo que lembravam ter/ser negativo nos dois locais escolhidos: a praça Henrique Julio Berger e a praça Ulipe Dalmas (Beira-Rio)

Igualmente os tópicos serão apresentados de acordo com a ordem em que mais foram citados e primeiramente sobre a praça Henrique Júlio Berger.

Banheiros em condição de uso têm uma enorme relevância para todos eles. Uma estudante lembra que o programa com as filhas depende do que o espaço pode oferecer...

quando levo minhas duas meninas na praça do Berger quase toda semana, fico torcendo para não precisarem do banheiro, senão temos que voltar para casa.

A falta de manutenção e a melhora da iluminação também são lembrados e apontados como responsáveis pelo favorecimento à ação de vândalos.

De acordo com o grupo, seria interessante que houvessem materiais necessários à prática de esportes (bolas, redes). Assim

...o dono da bola é dono de tudo... escolhe quem joga ... só seus amigos.

A ausência de cercas e muros reflete preocupação por parte de quem acompanha crianças, pois a proximidade com a rua é perigo constante. Elas correm o tempo todo e vão atrás da bola. Como se pensasse alto uma das jovens falou:

parece que a gente fica mais protegido.

Outros itens foram mencionados como sendo oportunos. São eles: uma pista asfaltada para caminhada, brinquedos novos e diferentes, local coberto para os idosos jogarem dominó ou baralho e/ou crianças brincarem, projetos de lazer e de incentivo ao esporte nos espaços públicos e a existência de profissionais para orientar as atividades. O exemplo claro de que alguns jovens ocupam o espaço pelo tempo que querem impedindo que todos possam usufruí-lo é esta fala:

com alguém lá cuidando todo mundo teria vez...

Neste sentido alguns autores apontam para a necessidade da animação cultural. Fato este que nos remete a fazer uma reflexão acerca do processo de formação profissional. Os profissionais, de um modo geral têm uma visão do lazer restrito a idéia de atividade e às possibilidades práticas proporcionadas por ela, além disso, “o mercado é o regulador do tipo de profissional a ser formado, vendo o lazer e o esporte como “mercadorias” a serem consumidas no tempo disponível, inclusive de uma perspectiva de controle social.” (Marcellino, 2007 p.8).

Referimo-nos a um profissional que tenha mais que bom-humor e capacidade de distrair o público, mas que tenha antes de tudo competência, compromisso político e seriedade. Esses três elementos dignificam o exercício da profissão. Existe, entretanto barreiras que dificultam a atuação de pessoal qualificado, como por exemplo, a falta de cargos e funções claramente definidos, a baixa remuneração de quem trabalha como free-lancer, sem direitos, garantias ou estabilidade. A baixa qualidade dos serviços se dá, por vezes pelo fato de que o profissional tem a função de “tapa-buraco”. Para que o lazer possa ser vivenciado em conteúdo e forma, como denúncia/anúncio de uma realidade opressora e de uma nova ordem, é necessário profissionais que, independentemente de sua formação combine algumas características, de

acordo com Pina, citado por (Marcellino, 2007, p.23): “Formação, informação, comportamento e atitude, atualização, imaginação e intuição, criatividade, cooperativismo, dedicação, comunicação e auto-formação permanente.” O autor destaca ainda a importante participação do voluntário fazendo a ligação entre a ação técnica e a base da população e as ações interdisciplinares mostrando que o trabalho integrado é elemento facilitador e não duplicador de esforço profissional.

Quanto ao outro local observado, a praça Ulipe Dalmas, conclui-se que realmente essa praça não faz parte da vida destes moradores da cidade de Caçador - SC. São econômicos quanto aos comentários sobre o local e os fatos justificam tal atitude.

É consenso entre a maioria a opinião de que existe falta de segurança com guardas nos locais e que não é a melhor opção de lazer. A esse respeito uma freqüentadora da Beira-Rio nos finais de semana (18 anos) diz:

eu não ligo para o que os outros fazem, sei é de mim, mas não deixaria minha filha ir lá, porque não tem exemplos bons...

Exemplo desta fala é a matéria publicada pela Folha da Cidade em 16 de julho de 2009 (Anexo B). A reportagem fala sobre uma menina de 13 anos desaparecida há 4 dias após ter saído de casa para passear na Beira Rio e não voltou para casa (MONTEIRO, 2009 a). Cerca de três dias depois, o jornal (Anexo C) esclareceu que a menina havia sido abordada por um agenciador e iludida com ganhos e trabalho fáceis, quando na verdade era incentivo à prostituição de menores (MONTEIRO, 2009b).

O local também tem sido propício a roubos, como no caso do menino que teve sua bicicleta roubada por um adolescente na Beira Rio e mais tarde recuperada na praça Henrique Júlio Berger. Esse fato mereceu uma pequena parte na página do jornal.

A preservação da natureza e dos equipamentos por parte dos freqüentadores preocupa de modo especial todo o grupo e pode ser traduzida na fala de um jovem:

os caras vão lá e quebram tudo, eles jogam lixo nas ruas e no rio...

Em comum as opiniões negativas sobre os dois locais dizem respeito à falta de segurança e de preservação do ambiente e equipamentos. Inevitável foi não lembrar do Parque Central, (Parque José Adami Rossi) que todos os participantes do grupo focal vêem com “bons olhos”, hoje em fase final de construção, mas como seus hábitos de lazer são muito familiares e caseiros, ficam em dúvida se o local poderá abrigar suas famílias, isto é, se os itens elencados como negativos serão, na medida do possível resolvidos.

A preocupação mais evidente tal qual como nos outros espaços é com a segurança, uma vez que temem por sua integridade física (referem-se a alguns freqüentadores como “marginais”) e também pelos equipamentos das ruas e praças que normalmente são alvo de vândalos que por prazer quebram e destroem tudo.

Se fossem ouvidos, gostariam de dizer que ...

neste espaço não deveriam transitar carros, pois serviriam, a exemplo da Beira-Rio, para ouvir música e beber encostados neles.

E mais:

se tivesse um professor orientando as atividades eu deixaria meus filhos brincarem a vontade...

O poder público demonstra não repetir os mesmos erros cometidos com os demais espaços públicos destinados ao lazer na cidade, ao menos quanto a segurança dos equipamentos. O jornal Informe - Diário Regional com data de 14 de julho de 2009 traz uma reportagem anunciando que mesmo antes da conclusão e inauguração da obra, a prefeitura já procura garantir a segurança do patrimônio público. A Guarda Municipal está fazendo plantão 24h no local (GUARDA, 2009).

Esses fatos não são exclusivos da cidade de Caçador/SC. São anunciados também no trabalho de Ferreira (2003). A autora ressalta que todo equipamento de lazer deve prever investimentos para sua construção, manutenção e animação. Ao investir na criação e revitalização dos espaços a administração tende a diminuir os

investimentos, pois faz com que a população aproprie-se do local, tornando-se agentes voluntários, vigilantes que evitam o mau uso, invasões e depreciação.

Outro trabalho que faz referência ao assunto é o de Melo (2002). O autor questiona se o fato de o público não preservar os espaços não se daria pelo fato de que não identifica o espaço como seu? Não seria o caso de educar o público? É incoerente pensar que os órgãos governamentais investem muito dinheiro, que o cidadão paga e não pode acessar e usufruir com frequência os espaços de lazer. Sugere então, a co-gestão. Isso quer dizer que os governantes recebem uma procuração para administrar, mas não para os cidadãos e sim em conjunto com eles.

4.1.3 Sobre a forma de (não) participação dos jovens nas políticas públicas de lazer

Nenhuma das pessoas em questão teve em alguma situação ou momento a oportunidade de opinar ou manifestar seus desejos enquanto cidadão. Parecem conformados com a situação de exclusão em que se encontram em relação a sua participação na construção de políticas públicas para o lazer.

Este fato pode ser justificado pelo fato de que existe uma tendência em supervalorizar o aspecto econômico e a hierarquização das necessidades (saúde, educação, trabalho) ocupando o espaço predominante. Assim, o lazer fica para um segundo plano, quando os primeiros estiverem sanados. Para Gutierrez (1998, p. 36)

não se trata de negar que, evidentemente, existe em curso no seio da sociedade uma luta política que divide os cidadãos entre pobre e ricos, ou entre excluídos ou inseridos, mas alertar para o fato que reproduzir esta visão significa unicamente aceitar como naturais, e portanto inevitáveis, relações sociais construídas, em última instância, pelos próprios homens e passíveis de serem transformadas no futuro.

De acordo com Ferreira (2003, p.29) “são vários os problemas econômicos e sociais que dificultam a criação de uma população mais

crítica e consciente de seus direitos e necessidades”. Isso se dá pelo fato de que a maioria da população coloca o lazer em segundo plano. Talvez se fosse oferecida a possibilidade de escolha entre educação e lazer, optariam pela primeira. Saúde e lazer, o resultado seria o mesmo. O lazer mercadoriza e impulsiona o imaginário das pessoas que talvez ficariam mais satisfeitas com a administração municipal se ele fosse responsável pela construção de um shopping ao invés de instalar equipamentos de lazer com manutenção periódica nas praças ou mesmo criação de novos espaços a partir das necessidades da comunidade. Então, se democratizar o lazer implica em democratizar o espaço, é imprescindível conscientizar a população de que devem ser preservadas as áreas verdes, áreas para o futebol de várzea ou aqueles espaços que originalmente não eram destinados ao lazer, mas que a comunidade ao apropriar-se dele o utiliza para o lazer.

Faz parte da conscientização estar cientes de seus direitos e deveres. Uma opção é apontada por Ferreira (2003) onde Prefeitura e Universidade agiriam conjuntamente realizando seminários e fóruns de discussões para que o enfoque do lazer não se reduza a prescrição de atividades, de “pacotes” ligados ao mercado consumidor, buscando a formação permanente dos profissionais e principalmente respeitando a identidade cultural e social da comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ouça um bom conselho
 Que lhe dou de graça
 Inútil dormir
 Que a dor não passa
 Espere sentado
 Ou você se cansa
 Está provado
 Quem espera nunca alcança
 Ouça meu amigo
 Deixe esse regaço
 Brinque com o meu fogo
 Venha se queimar
 Faça como eu digo
 Faça como eu faço
 Aja duas vezes antes de pensar
 Corro atrás do tempo
 Vim de não sei onde
 Devagar é que se vai ao longe
 Eu semeio o vento
 Na minha cidade
 Vou pra rua e bebo a tempestade
 (Bom Conselho, Chico Buarque)

Finalizar este estudo traz consigo a possibilidade de tecer algumas considerações de ordem geral a respeito do lazer dos jovens em Caçador/SC. Para tanto retomo os objetivos iniciais que nortearam a trajetória desta pesquisa para fazer um balanço entre o que nos propusemos a fazer e o que de fato conseguimos alcançar.

As observações distribuídas em dias e horários alternados somaram um total aproximado de 25 horas permitindo a afirmação de que a ocupação dos espaços públicos de lazer na cidade por parte dos jovens é limitada, visto que o tempo livre é preenchido por atividades que necessariamente não incluem os espaços/equipamentos públicos.

A caracterização da praça Henrique Julio Berger se deu a partir da observação no próprio local e posteriormente por fotografias. Esta praça tem um público fiel, os idosos que jogam dominó e as crianças que brincam nos finais de semana, acompanhadas pelos seus pais, além daquelas que moram no bairro e frequentemente estão lá.

De acordo com Magnani (2002) esse grupo de frequentadores fazem parte do pedaço. Este local caracteriza-se também por mancha, pois cede lugar para cruzamentos não previstos.

A praça é um local de passagem, muitas pessoas voltam ou vão para o trabalho e muitas mães caminham devagar ou sentam-se para que os filhos possam brincar um pouco. Neste sentido salienta-se o trajeto descrito anteriormente. Os horários em que a ocupação se dá mais intensamente, depende da época do ano. Por exemplo, durante os meses em que estamos no horário de verão, a vida na praça acontece por um período maior.

Embora haja uma estrutura satisfatória com diferentes possibilidades de apropriação, os jovens são em número pequeno; há os que jogam futebol (eles vão aparecendo pelas várias entradas da praça), que podem ser identificados como pórticos. Há os que somente assistem (normalmente são menores) e alguns reunidos nos cantos e no único lado que tem muro. Algumas pessoas caminham e muitas ficam observando ou conversando com alguém. No período da manhã a praça é praticamente abandonada. Será que as pessoas não acordam cedo? Todos trabalham? É muito frio? Ao certo, não se pode saber. Seria oportuno então, a viabilização de projetos que contemplem a investigação da qual tanto nos referimos, de ouvir a população para que os objetivos possam ir de encontro ao desejo e possibilidades (inclusive de acesso) das pessoas e que tenham maiores chances de ter sucesso.

A caracterização do outro espaço, a praça Ulipe Dalmas, popularmente conhecida como Beira-Rio igualmente se deu pela observação no local e das fotografias. Além de local de passagem por ser também uma rua, este espaço concentra um grande número de jovens, praticamente nos finais de semana. O lazer, conforme citado fica por conta de ouvir música, beber, fumar, namorar e estar com os amigos. A este cenário misturam-se as pessoas que caminham e as crianças que andam de bicicleta, já que o espaço prevê uma pista exclusiva para bicicletas, mas é preciso saber “costurar” para andar por ali. Durante os dias de semana o início da manhã recebe muitas pessoas que caminham e alguns que fazem nos bancos da praça o tempo de espera de transporte. O equipamento de ginástica, o qual nunca vi alguém utilizar, continua vazio, mas sei que um rapaz, aluno do E.J.A. utiliza-o de madrugada, quando passa para ir para o trabalho. Talvez as pessoas sintam-se constrangidas ou não saibam como utilizar o equipamento. Neste caso, não basta tê-lo, é preciso garantir sua utilização. As pessoas precisam ser motivadas e informadas acerca das possibilidades de uso dos equipamentos e um profissional da área seria útil nesse processo.

O fator climático (exceto a chuva) não interfere na presença dos jovens neste local, a partir das 16h até 23h aproximadamente, estão lá com frio ou calor. Esse espaço é um pedaço onde os frequentadores se reconhecem, buscam os iguais além de ser uma mancha que possibilita o acesso de um número maior de pessoas.

Em relação às políticas públicas para o lazer em Caçador, conclui-se é fruto de planejamentos tecnocráticos, distante de discussões amplas e democráticas com a população interessada. Entende-se aqui o democrático como um processo em que a chamada à população é acompanhada de ações concretas que permitam a todos manifestar-se em condições de igualdade, com possibilidade de debates e trânsito livre às informações.

É contraditório, às vezes, falar em participação popular e participação dos jovens se considerarmos que a maior parte deles pensa que grande parte do que acontece na política influi muito pouco na sua vida e que ele, cidadão, não influi na política. (ABRAMO, 2005). Trata-se educar pelo lazer!

Os dados obtidos com a investigação podem oferecer ao poder público “pistas” com múltiplas interpretações e quem sabe, intervenções. Considerando que os jovens praticam exercícios, gostam de esporte, especialmente do futebol, seria coerente ampliar a participação de mais jovens nesta modalidade e/ou possibilitar a prática de outros. Hábitos corriqueiros citados nos mostram os jovens que utilizam o espaço casa (dele próprio ou de parentes) para ouvir música, acessar a internet, jogar *vídeo-game* e assistir televisão. Neste sentido o gestor público poderá potencializar as práticas corporais e conseqüentemente a qualidade de vida dos jovens.

Entende-se que os dados apresentados, não podem isoladamente responder pela construção de políticas públicas de esporte e lazer, mas somados a elementos significativos e pertinentes podem contribuir na operacionalização das mesmas.

Foi possível por meio dos apontamentos e contribuições de diversos autores propor alternativas (razão maior do estudo) no intuito de viabilizar uma política pública de lazer atuante e comprometida com os cidadãos. De acordo com Reis, Starepravo (2008), esta política concretiza-se fundamentalmente em três vias: disponibilização, acessibilidade e educação.

O primeiro deles refere-se à efetiva disponibilização de bens culturais, espaços e equipamentos de lazer, bem como a construção, reforma, manutenção e investimentos necessários; o segundo item, acessibilidade, diz respeito ao oferecimento viável de possibilidade de

acesso aos bens culturais (transporte e distribuição geográfica adequada dos equipamentos, além de soluções para os custos financeiros que são cobrados (ingressos para acesso ou compra de equipamentos), o que para muitos é inviável. O terceiro item, a educação, significa fornecer a formação e os conhecimentos necessários para que o cidadão queira usufruir de diferentes possibilidades de lazer. Atua-se no sentido de incentivar a procura e oportunizar experiências variadas nas práticas de lazer. Acrescenta-se a estes itens o favorecimento e ampliação de mecanismos que concretizem a participação popular.

Para envolver a comunidade, Melo (2002), em seu Manual para Otimização da Utilização de Equipamentos de Lazer, aponta alguns passos baseado na metodologia de Ação Comunitária de Lazer (Marcellino), esclarecendo que adaptações são necessárias de acordo com a realidade do local que pretendemos intervir.

Os passos podem ser seguidos somente por um profissional, mas sabe-se que uma equipe multidisciplinar torna o processo mais suscetível ao sucesso.

Primeiramente é a fase chamada de “Deflagração”. Neste momento a equipe/profissional busca conhecer os gostos, problemas, potencialidades, espaços e iniciativas já desenvolvidas no local a fim de dar continuidade. Procura-se identificar indivíduos que são reconhecidos como líderes e respeitados por todos, por organizarem festas, campeonatos etc. Convoca-se, então, estes indivíduos como parceiros, que podem expor os desejos da comunidade e podem efetivamente ajudar nas tarefas operacionais para a realização das atividades.

O segundo passo é a “Mediação”. Trata-se de capacitar animadores culturais da própria comunidade e discutir a importância do lazer e possibilidades de intervenção. Não é o caso de fazer exatamente o que a comunidade quer, mas dialogar com ela, respeitando limites e apresentando outras possibilidades de vivência do lazer.

A seguir, uma atividade de impacto é organizada e oferecida de modo que possa atingir grande parte da comunidade, como por exemplo, um Dia de Lazer, com atividades para todos os públicos, com apresentações de grupos/pessoas da comunidade, exposições com “artistas locais”, campeonatos, **oficinas com reciclagem, confecção de brinquedos alternativos, palestras sobre o meio ambiente** (grifado por serem idéias pessoais) e o que mais a imaginação puder alcançar.

Muitíssimo importante é o quarto passo: avaliação do evento, onde continua-se a coleta de dados para garantir a continuidade do programa de lazer. Busca-se a sensibilização comunitária pelo envolvimento nos eventos de lazer; logo após vem o “Período de

Carência”, neste instante verifica-se junto à comunidade resultados esperados, ou não. Busca-se novas idéias e o que será oferecido cotidianamente, tendo em vista a utilização do espaço de quadras e ginásios (finais de semana) e as potencialidades da comunidade.

Algumas ações exigem recursos financeiros disponíveis, o profissional poderá usar a verba de que dispõe ou contar com a ajuda da comunidade e de voluntários. Cabe a este profissional assessorar e se envolver diretamente na organização de atividades com a comunidade.

A terceira fase é chamada de “Sedimentação ou Continuidade”. A equipe/profissional atua em conjunto com a comunidade planejando, orientando, avaliando e reorientando as atividades oferecidas. A comunidade tem autonomia nas ações e os técnicos acompanham sempre que necessário.

Ainda Melo (2002), salienta a necessidade de diversificar atividades e adequá-las as diversas faixas etárias, gênero e aos portadores de necessidades especiais. Todos devem ser livres de preconceitos de qualquer natureza e poder participar em todas as fases dos projetos (planejamento, execução e avaliação).

A necessidade de envolver a comunidade deve ser prioridade do poder público. O governo de Caçador tem se esforçado nesse sentido. Para tanto, se utilizou do PPA (Plano Plurianual), a fim de cumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal. Esse plano (Anexo A) é elaborado pelas Prefeituras com o intuito de que as ações no município sejam executadas com maior visibilidade e transparência de acordo com a realidade e disponibilidade dos recursos arrecadados, tornando mais eficiente a administração do dinheiro público. É um instrumento de organização que atende a demanda da sociedade. (AUDIÊNCIA, 2009).

O jornal esclarece que nesta mesma data o plano estaria em discussão na Câmara Municipal de Caçador. Assim, quem não ouviu os convites através da rádio FM local e não leu o jornal a tempo de organizar-se para estar presente, ficou sem participar e com sorte poderá fazê-lo daqui a quatro anos. Ainda, segundo o jornal, a população poderia sugerir alterações ao PPA, reivindicar prioridades aos seus bairros e assim poderia acompanhar e exigir o cumprimento das ações previstas no plano, pois somente será executado o que estiver no PPA (AUDIÊNCIA, 2009).

Ocupando meia página deste jornal está o pedido: “Vamos planejar Caçador para o futuro: a aplicação do dinheiro público está em suas mãos, cidadão caçadoreense, é de acordo com suas sugestões que os recursos serão aplicados. Participe!” Anuncia ainda o endereço, horário e telefone para atendimento ao público. Na verdade, é clara a intenção de

ouvir a população, mas falta educá-la para tal. Há a necessidade de esclarecimento prévio e organização para que os pedidos sejam encaminhados por um representante, uma vez que o acesso das pessoas pode ser limitado. Enfim, outros virão...

Outras iniciativas envolvem parte da comunidade de Caçador. Atualmente alguns projetos são viabilizados através da Universidade do Contestado - Campus Caçador, que destina 20% de sua receita bruta em bolsas de estudo de 50% e 100% a alunos de primeira graduação bem como à projetos sociais, cuja responsabilidade é do setor de Assistência Social³. Dentre os vinte projetos em andamento, quatro deles são da área da Educação Física.

Os projetos Futsal e cidadania, UnC de preto e branco - Xadrez da Iniciação a Competição e Amigos do Handebol envolvem crianças e adolescentes de ambos os sexos em diferentes locais da cidade.

Já o projeto Atividade Física e Qualidade de Vida é direcionado às pessoas da melhor idade, especialmente os diabéticos. Estima-se que 900 pessoas estão envolvidas direta ou indiretamente. A Universidade do Contestado demonstra assim, o compromisso de colaborar com a cidadania e melhoria da qualidade de vida da população da cidade. Existe a intenção de parceria entre a Universidade do Contestado e a Fundação Municipal de Esportes, mas não há nada concreto, apenas poucas ações isoladas.

O poder público se faz presente através da Fundação Municipal de Esporte (FMEC), apoiando 37 associações, todas ligadas ao esporte, além da responsabilidade única pelos projetos próprios da FME, distribuídos em três coordenações (Participação, Rendimento e Escolar) e está cadastrada no PELC. Este é um dos programas do Governo Federal, por meio da Caixa Econômica Federal que visam apoiar ações de fomento destinadas à implantação, ampliação e modernização de infra-estrutura esportiva (BRASIL, [2009?]). Esses programas têm gestão do Ministério do Esporte-ME e são operados com recursos do Orçamento Geral da União - OGU.

O projeto da FME-Caçador cadastrado no PELC destina-se às pessoas da Terceira Idade e aguarda liberação de recursos a nove meses considerando a data de hoje (setembro de 2009) pois o programa é criterioso e informações desencontradas justificam o atraso. O idealizador do projeto afirma que paciência e persistência são

³ Informações obtidas por meio de consultas às páginas da Universidade, troca de mensagens eletrônicas e conversas informais com os responsáveis pelos projetos de extensão com a comunidade.

fundamentais. Evidencia-se diante das informações que as melhores intenções existem, mas precisam de tempo e esforços conjuntos para que aconteçam satisfatoriamente.

Neste momento dois sentimentos se destacam: satisfação e angustia. Satisfação por que é gratificante apresentar possibilidades acerca das descobertas sobre essa cidade que é a nossa casa. O olhar sensível, porém crítico, que dispensei à cidade e o desejo de transformação não me impediu de reconhecer os reais limites e impossibilidades da cidade para conosco, os cidadãos, nem as limitações da pesquisa. A angustia me acompanha nesta reta final, por que entendo que muito há por fazer, que as considerações apresentadas são temporárias, pois as possíveis e desejáveis mudanças necessitarão de novos estudos com maior abrangência. A angustia será menor à medida que este estudo possa contribuir para que o poder público (re)pense, (re)construa, (re)crie, adapte, modifique os espaços a fim de humanizar a cidade. Também para que a comunidade não se distancie dos espaços de lazer, das praças. A participação da sociedade, especialmente dos jovens, na definição das políticas públicas de lazer precisa ser conquistada, já que o poder instituído não abre mão tão facilmente do seu próprio poder. Os jovens precisam engajar-se a movimentos sociais como os da universidade para aprenderem a ter voz, a reivindicar seu espaço de intervenção.

Para que a diversão, o riso, a conversa e a espontaneidade de crianças, jovens e idosos sejam sentidos, vistos e ouvidos. Para que a gratuidade seja oferecida sempre que possível. Para que o lazer seja prioridade quando pensar em qualidade de vida do cidadão caçadoreense e, ainda está por vir o momento em que procurará saber como todos habitantes da cidade pensam e desejam os espaços.

Para o poder público, para mim, para todos o: “*Bom Conselho*” de Chico Buarque.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W.; Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 6, set.- dez. 1997.
- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M.- **Retratos da juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional . São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.
- AMARAL, S.C.F. **Políticas públicas de lazer e participação cidadã: entendendo o caso de Porto Alegre**, 2003. 208f. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, SP, 2003.
- ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas políticas públicas. **Conexões**, São Paulo, v. 2, n.1, 2004.
- _____. O lazer no Brasil: do nacional-desenvolvimentismo à globalização. **Conexões**, São Paulo, v.3, n. 1, 2005.
- AUDIÊNCIA Pública discute PPA. **Folha da Cidade**. Ed.3519. Caçador, SC, 2 set. 2009.
- BACAL, S. **Lazer**: teoria e pesquisa. São Paulo: Loyola, 1988. Brasil dos trabalhadores, 6.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1994.
- BATISTA, M. C. A. A relação governo e sociedade na gestão de política pública de esportes e lazer no governo do Estado de Pernambuco- 1999-2001: analisando o projeto “Idosos em Movimento”. **Movimento**, v. 11, n. 3, 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2881/1495>>. Acesso em: 10 out. 2008.
- BRAMANTE, A. C. Qualidade no Gerenciamento do Lazer. In: BRUHNS, H. (Org). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Unicamp, 1997, cap. 6; p.123-141.

BRASIL. Programa Esporte e Lazer na Cidade. Caixa Econômica Federal. [2009?] Disponível em: <www1.caixa.gov.br/programas/esporte_lazer_cidade.asp>. Acesso em: 20 set.2009.

BRUHNS, H. (Org). **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Unicamp, 1997.
CAMARGO, MELO; TAVARES, L.; MELO, V. A.; TAVARES, C. (Org.). **O exercício reflexivo do movimento**. Rio de Janeiro: Shape, 2006.

DAYRELL, J.; CARRANO, P. C. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Rio de Janeiro: Mimeo, 2002. Disponível em <<http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php>>. Acesso em: 22 out. 2008.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, 2003, n.24 p. 40-52. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2008.

DE PELLEGRIN, A. **Os contrastes do ambiente urbano: espaço vazio e espaço de lazer**. 1999. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

FERREIRA, A. R. **A compreensão do lazer no planejamento urbano de Goiânia: aproximações históricas**. 2003, 129f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

JOVEM século 21. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 27 jun. 2008. Edição Especial 1.

GOMES, M. A. S. **As praças de Ribeirão Preto: uma contribuição geográfica ao planejamento e à gestão dos espaços públicos**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

GUTIERREZ, G. L. Lazer e pobreza: aspectos de uma falsa questão. **Conexões**: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v.1, n.1, 1998.

HACK, C. **Lazer e mídia em culturas juvenis**: uma abordagem da vida cotidiana. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.

Cidades: Santa Catarina - Caçador. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: fev. 2009.

LOMBARDI, M. I. **Lazer como prática educativa**: as possibilidades para o desenvolvimento humano, 2005. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2005.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. Bras. Ci. Soc.** v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=en&nrm=iso> . Acesso em: 15 fev. 2007

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas. Papirus, 1983.

MARCELLINO, N.C.; (Org). **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana**. Curitiba: OPUS; 2007.

_____. **Lazer, cultura e patrimônio ambiental urbano-políticas públicas**: os casos de Campinas e Piracicaba-SP. Curitiba: OPUS, 2007.

MELO, Victor Andrade de. **Manual para otimização da utilização de equipamentos de lazer**. Rio de Janeiro: Serviço Social do Comércio, 2002.

MEZZADRI, F. M. (Org.) **Esporte e lazer: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MONTEIRO, Carlos. Menina está desaparecida desde domingo. **Folha da Cidade**. Ed. 3478. Caçador/SC, 16 jun. 2009.

MONTEIRO, Carlos. [Menina foi encontrada]. **Folha da Cidade**. Ed. 3478. Caçador/SC, 16 jun. 2009.

MONTEIRO, S.V. **Modernidade, formas de subjetivação e amizade: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza**, 2003. Tese (doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Unicamp. Campinas, SP, 2003.

OLIVEIRA, L.; MASCARÓ, J. **Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer**. Porto Alegre: Ambiente Construído, RS, 2007.

PAIVA, J. L. **Política cultural e extensão universitária no projeto de ensino, pesquisa e extensão: recreação comunitária**, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

PARQUE Central: Guarda tem plantão 24h. **Informe**: diário regional, Caçador/SC. 14 jul. 2009.

PEIXOTO, E. Levantamento do estado da arte nos estudos de lazer: (Brasil) Séculos XX e XXI - alguns apontamentos. **Educ., Soc.** Campinas, v. 8 n. 99, p. 561-586, maio - ago. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 mar. 2009.

PELLEGRIN, A. D. **Os contrastes do ambiente urbano: espaço vazio e espaço de lazer**. 1999. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1999.

PIMENTEL, G. G. A. **Risco, corpo e socialidade no vôo livre**. 2005. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2005

POLATO, T.H.P. **Por um lazer potencialmente transformador: um estudo sobre as apropriações conceituais do lazer**, 2004, 139f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004.

REIS, L. J. A.; STAREPRAVO, F. A. **Políticas públicas para o lazer: pontos de vistas de alguns teóricos do lazer no Brasil**. *Licere*, v. 11, n. 2, ago. 2008.

RODRIGUES, Elcie Helena Costa. **Construindo uma política publica de lazer : espaço ou programa - o que garante a animação?- uma retrospectiva histórica sobre o município de Sorocaba**, 2003. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, SP, 2003.
Disponível em:
<<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000294970>>. Acesso em: 15 abr. 2009.

RODRIGUES, Lúdia Meira de Souza. **Planejamento e gestão urbana à luz do Direito:** uma análise das praças e logradouros públicos de Três LagoasMS. Três Lagoas:CPTL/UFMS, 2006. (Monografia de conclusão do curso de Direito).

ROMERA, L. A. **Juventude, Lazer e uso abusivo de álcool**, 2008, 137f. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP, 2008.

SANTINI, R. C. G. **Dimensões do Lazer e da Recreação. Questões espaciais, sociais e psicológicas**. Ed. Angelotti. São Paulo, 1993.

SERDOURA, F. M.; SILVA, F. N. Espaço público. Lugar de vida urbana. **Engenharia Civil Um** – Repositório. Universidade do Minho, Portugal, n. 27, set. 2006. 5-16 p. Disponível em:
<http://www.civil.uminho.pt/cec/revista/Num27/n_27_pag_5-16.pdf>. Acesso em: 23 de out. de 2008.

SILVA, E. et.al. Espacialização, território e vivência dos moradores nas praças de Três Lagoas-MS. In: Encontro Nacional dos Grupos PET, 11., **Anais...** Florianópolis. 2006, 1-13 p. Disponível em:
<www.enapet.ufsc.br/anais>. Acesso em: 22 de out. de 2008.

SOUZA, P. L. A.; MARTINS, C. H. S.. Lazer e tempo livre dos (as) jovens brasileiros (as): escolaridade e gênero em perspectiva. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (Org.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. 1. ed. Brasília: MEC-UNESCO, 2007, v. 27, p. 117-146. Disponível em: <www.uff.br/obsjovem/mambo/index.>. Acesso em 22 de out. de 2008.

STRECK, V. S. Pesquisando juventude no contexto brasileiro: algumas considerações de um novo tema de estudo. **UNirevista** v. 1, n. 2, abr., 2006.

UVINHA, R. R. **Juventude, Lazer e Esportes Radicais**. Barueri, Manole, 2001.

_____. **Lazer na Adolescência: uma análise sobre os Skatistas do ABC paulista**, 1997. Dissertação (Mestrado Educação Física) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP, 1997.175 p.

WERNECK, C.L.G. e MELO, V. A. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento**. UFRGS, v.9, n.1; jan. - abr. 2003.

ANEXO A – Convocação participação

Plano Plurianual 2010/2013

PPA

Caçador crescendo e desenvolvendo com a participação da nossa gente!

Data: 02/09/2009 - Horário: 19 horas
Local: Plenário Osvaldo José Gomez

A aplicação do dinheiro público está em suas mãos cidadão caçadorenses, é de acordo com suas sugestões que os recursos serão aplicados. Participe!

Vamos planejar Caçador para o Futuro!

ATENDIMENTO AO PÚBLICO: EXPEDIENTE DAS 13H AS 19H DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, NA RUA FERNANDO MACHADO, 139 E ATRAVÉS DO FONE (49) 3593-0924

LEGISLANDO COM O POVO E PARA O POVO
WWW.CAMARA.CAÇADOR.SC.GOV.BR

Fonte: AUDIÊNCIA Pública discute PPA. **Folha da Cidade**. Ed.3519. Caçador, SC, 2 set. 2009.

ANEXO B - Notícia desaparecimento de Menina na Beira Rio

14 | FOLHA DA CIDADE

SEGURANÇA

Menina está desaparecida desde domingo

ELISANDRA APARECIDA CAMARGO, de 13 anos, sai de casa no domingo (12) para passear na Beira Rio

CARLOS MONTEIRO
Da Redação

A família de Elisandra Aparecida Camargo, de 13 anos, está desesperada a procura da garota desaparecida desde domingo (12). De acordo com a mãe, Eliane Pereira, a menina saiu de casa para passear na Beira Rio e não voltou. "Minha filha já fez isso no mês passado e ficou dez dias fora de casa. Não sei por que ela fez isso, mas acho que é por rebeldia", comentou.

Elisandra saiu de casa com uma calça xadrez verde, jaqueta preta e tamancos rosa, sem levar nada com ela. "Se ela não quer voltar para casa, não é obrigada, não precisa contar onde está, mas que de notícias", suplicou a mãe. Se alguém souber de alguma informação que leve ao paradeiro de Elisandra, pode entrar em contato com a família pelos telefones: 9925 7400, com Luis Antônio Camargo (pai) e 8842 4507 com a irmã.



ELISANDRA ESTÁ DESAPARECIDA DESDE DOMINGO (12)

Fonte: MONTEIRO, Carlos. Menina está desaparecida desde domingo. **Folha da Cidade**. Ed. 3478. Caçador/SC, 16 jun. 2009.

ANEXO C – Notícia Menina foi encontrada

CARLOS MONTEIRO
Da Redação

Uma menina, de 13 anos, que estava desaparecida desde domingo (12), foi encontrada na madrugada de sábado (18) em Otacílio Costa. Ela teria ido passear na Avenida Aristiliano Ramos com algumas amigas e não retornou mais para sua residência. “Nós fomos passear na Beira Rio e acabei indo posar na casa de uma amiga”, contou a menor.

Depois de dois dias sem voltar para casa, elas receberam um convite de um homem que se identificava como Carlos Alessandro e de uma amiga que é proprietária de uma boate de Caçador, para irem em uma festa na cidade de Lages. “Entramos no carro e fomos buscar mais duas amigas para irem junto, Carlos nos levou para uma boate chamada Casa Arroio Bonito, em Otacílio Costa. Ele disse que sua casa era nos fundos. Nos convidou para posar e disse que lá estávamos em segurança”, relatou.

Ao chegar a Boate na BR SC 425, a mulher de Carlos perguntou a idade das meninas e ficou assustada porque eram menores de idade. “Quando chegamos lá a mulher não sabia o que fazer quando soube que éramos menores. Depois de algum tempo de conversa com Carlos, o casal nos levou para fazer identidades falsas”, lembra.

Quando a documentação estava pronta Carlos levou as meninas de volta para a boate e pediu para elas trabalharem para ele no local. “Ele nos falou que iamos ganhar muito dinheiro. Que se nós conseguíssemos vender um copo de Vodka com Coca, no valor de R\$ 20,00, porque, a metade do dinheiro seria nossa junto com tudo o que conseguíssemos

tirar do cliente”, afirma.

A menina contou que a mulher de Carlos as ajudou. “Teve um dia que fomos ligar para nossos pais avisando que estávamos bem, mas quando Carlos chegou quebrou o celular e não nos deixou ligar, logo depois ele queria nos levar para uma outra boate e o casal brigou. Então acabei ficando, as minhas amigas foram com ele, depois Carlos deixou as duas meninas na BR e seguiu em frente”.

As duas meninas que foram deixadas na BR tentaram procurar uma delegacia, mas não encontraram. Por sorte, podiram carona para dois policiais apaisana, que as levaram para a Delegacia. Enquanto um dos policiais tentava ligar para o Conselho Tutelar de Otacílio Costa, as meninas saíram correndo e horas depois elas foram encontradas pelo Conselho próximo a uma loja. Foram levadas novamente para a delegacia onde foram ouvidas e alertaram os Policiais que havia mais uma menina dentro da boate.

A Polícia Militar, o Conselho Tutelar, e as duas meninas foram até a boate e resgataram a menor, os proprietários da Boate não foram encontrados no local. O Conselho Tutelar levou as meninas para uma casa de passagem, e ligaram para os pais avisando o local em que estavam. “Eram quase três horas da manhã de sábado quando uma das mães das meninas que estava com minha filha me avisou”, conta a mãe da menina.

A polícia investiga o caso e procura os proprietários do estabelecimento. “Quero alertar todas as mães e as crianças para tomarem cuidado, com essas pessoas que se fazem de amigos levam elas para outros lugares, sem a autorização dos pais ou responsáveis, que não caíam nesse golpe como ela caiu”, alerta a mãe.

Fonte: MONTEIRO, Carlos. [Menina foi encontrada]. **Folha da Cidade**. Ed. 3478. Caçador/SC, 16 jun. 2009.

ANEXO D – Avaliação criação do IPPUC

IPPUC - Ordem e progresso para Caçador

COM A CRIAÇÃO do Instituto a cidade passou por um novo ritmo. O Plano Diretor foi uma das maiores ações em prol do desenvolvimento

Fazer uma cidade crescer e se desenvolver de forma ordenada não é tarefa fácil, principalmente quando esta evolução já foi iniciada e os anos de história do município marcam um crescimento tumultuado no que diz respeito a infra-estrutura urbana.

Restabelecer a ordem e criar um plano de crescimento que favoreça o território caçadorense, aproveitando os espaços vazios, garantindo segurança as ocupações e regularizando áreas e loteamentos gerando benefício ao cidadão e contribuindo caçadorense foram alguns desafios do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Caçador (IPPUC), criado em 2006 pela atual gestão.

"A avaliação desses anos de trabalho é positiva. Em 2005 o IPPUC, que era um compromisso de campanha do prefeito Saulo Sperotto, não existia. Porém



KARINA POMPERMAYER
PRESIDENTE DO IPPUC

era inadmissível uma cidade com quase 80 mil habitantes não possuir um setor que planejasse e programasse o crescimento dessa cidade. O Instituto foi criado e a nossa proposta trouxe uma nova direção para o futuro desse município", argumenta Karina Pompermayer, presidente do IPPUC.

Quase que imediatamente a sua criação, e por uma obrigatoriedade do Governo Federal, o IPPUC abraçou a criação do Plano Diretor Municipal. "Cidades com mais de 20 mil habitantes são obrigadas a realizar o Plano Diretor e Caçador ainda não possuía este documento. O Instituto foi criado para colocar em prática o que o Plano determinasse. Mobilizamos mais de 20 mil caçadorenses na confecção do Plano Diretor e tomamos esse documento siglo de toda a comunidade, uma vez que a sua criação teve a participação da população local", informa Karina.

Após a criação do IPPUC, algumas obras tornaram outro rumo. Adequação de escolas, ampliação e construção de creches e escolas, além dos postos de saúde, recuperação de praças, projetos de iluminação para áreas públicas e a revitalização do Beira Rio foram responsáveis pela transformação urbana em Caçador.

O Portal Turístico, a Vila das Elmas e a reestruturação do Parque das Araucárias, com a construção do Centro do Mosaico, pista de caminhada, cancha de lago, entre outras melhorias, foram planejados pelo IPPUC. Através da criação do Instituto, o Município encontrou recursos, já que esta autarquia é responsável também pela confecção de todos os projetos e pesquisas aplicados na cidade.

"Projetos desenvolvidos pela equipe de arguente e engenheiros do Instituto para a Administração Pública começaram agora a aparecer. Atualmente o nosso grande projeto é o Parque Central. Entendemos a maior conquista desta cidade e é a melhoria dos

olhos do prefeito Saulo Sperotto. A concretização deste Parque nos próximos meses. O terreno há anos era negociado e nunca se levava a sério adiante. Todas essas provações tiveram que passar para mudarmos a condição de vida da população local", diz Karina.

O IPPUC também é responsável pela captação de recursos Federais e Estaduais para o benefício do Município. "O prefeito Saulo é o líder maior. Ele quem faz o contato, quem consegue a verba para nossa cidade. Ao IPPUC cabe o trabalho burocrático. A prestação de contas, a parceria com o Governo Federal e Estadual é uma atividade nossa que conta ao IPPUC executar", explica a presidente da entidade.

O Instituto conquistou uma arrecadação de quase R\$ 3 milhões de recursos para o Município. Todos os valores foram investidos em projetos e ações na infraestrutura da cidade, resultando em melhoramento de ruas, áreas de lazer, aquisição de equipamentos e novos pontos de saúde.